

MOMENTO *feminino*

A "AJUDA A TEU IRMÃO"
NÃO CHEGOU AO CEARÁ

"DEFENDAM A
MÚSICA BRASILEIRA."

ANO VII



Rio de Janeiro, Abril de 1954



N.º 105

GUATEMALA:

PEQUENA E BRAVA,
FALOU PELA AMÉRICA

(Leia neste número)



EXPEDIENTE

Diretora :
ARCELINA MOCHEL

Redatora-chefe
ZENAIDE MORAES

Redatora-Secretária
ETHEL DE SOUZA

Redação e
Administração :

R. EVARISTO DA VEIGA, 16

Sala 808

Rio de Janeiro

N. avulso Cr\$ 3,00

Assinatura anual Cr\$ 35,00



SUMÁRIO

● O Carvoeiro — Conto ..	4
● Últimas de toda parte	
Cartas do Rio	5
● A "ajuda" a teu irmão	
não chegou ao Ceará	
— Reportagem	6 e
● O que vai pelos Estados	8
Cinema	9
● "Defendam a música	
brasileira" — Entrevista	
com Margot Loyola ...	10
● A mulher brasileira na	
feita de cultura de	
Goiânia — Reportagem	11
● Fundada a Liga da	
Emancipação Nacional ..	12
● Decoração — Conselhos	
úteis	13
● Modas	14 e
● Pesadêlo que precisa	
acabar — Crônica	15
● "Somanlu — o viajante	
da Estrela" — Biblio-	
grafia	20
● Cozinha	21
● Guatemala: pequena e	
brava, falou pela Amé-	
rica — Reportagem 22 e	23
● Alfabetização — Aulas	24
● Congelamento dos	
preços — Reportagem	25
● Rosa Maria e o passa-	
rinho — Conto infantil	26
● Para as crianças .. 26 e	27



Nossa Capa

Camponesa guatemalteca, descendente dos lençóis maias. (Ver reportagem nas págs. 22 e 23).



Vamos brincar de roda

Crônica de

DIANA GILABERTE

CRIANCINHAS da minha rua. E' em vocês que penso neste momento. Em você Maria José, que vejo todos os dias com a malinha e a merendeira, esperando o ônibus que levará você e outras menininhas para a Escola. Em vocês, Nelson e Luizinho, que brincam na área do apartamento, sob os olhares perseguidores do porteiro, contendo os gritinhos e os saltos, para não chamar a atenção dessas pessoas graves que entram e saem e costumam queixar-se de vocês, porque não suportam o ruído cheio de vida da infância. Penso com muito carinho nos anjinhos de cara suja, filhos do carvoeiro ao lado. Com suas perninhas e braços nus, lambuzados de carvão dos pés à cabeça são, dentro de sua magreza enfeitada por olhinhos negros e profundos, os mais felizes, porque têm alegria e liberdade.

E no rápido deslizar de asas, nas asas dessa alegria e liberdade, meu pensamento voa, impaciente, para ternamente pousar sobre as cabecinhas de vocês, Michael e Robby, queridas crianças, que todos nós desejariamos afagar, mimar, levar ao circo, criancinhas a quem queríamos ofertar um sorriso em cada momento, para que pudessem esquecer a tragédia de suas pequeninas vidas. Papai, Mamãe, Mamãe, Papai: — um ruído de chave mecânica, uma alavanca, uma fumaça que sobe azulada... Papai! Mamãe! — Quem fez isso com Papai e Mamãe? Não. Ninguém contará a vocês, no presente, essa história, vocês precisam continuar a ser crianças e rir como as crianças, precisam conservar os olhos azuis, cheios de inocência. O ódio é veneno cruel para pequenos corações infantis.

Vamos, Michael e Robby, vamos brincar: Mamãe vai chegar, Papai vai chegar. Faremos então uma grande roda, cantaremos com alegria nos corações e nossa grande roda irá crescendo, outros Papais e Mamães chegarão, virão vindo todas as crianças e assim reunidos, de mãos dadas, festejaremos a Paz dos corações tranquilos, as vozes puras dos rios, o murmurar da brisa, o trinado ensolarado dos pardais, o adejar das aves, o balbucio dos pequeninos e o labor profícuo dos homens construindo.

E então, quando já não forem vocês umas crianças e que amadurecidos pelo conhecimento puderem ouvir a terrível história, saberão que esse canto foi um dia perturbado pelos gritos histéricos de um punhado de homens de corações atômicos que pensavam, noite e dia, em destruir o mundo, e que não o farão, Michael e Robby, porque Papai e Mamãe morreram para que o solo, as florestas, as criancinhas não fossem destruídos. Eles armaram uma trincheira muito alta que defenderemos e faremos cada vez mais alta, porque as crianças precisam brincar de roda e entoar seus cantos.

E nós que amamos vocês todos, Maria José, Nelson, Luizinho, os filhinhos do carvoeiro, tanto e tanto Michael e Robby, não permitiremos que os homens atômicos impeçam esse alegre canto, com o estrondo destruidor de suas bombas. Faremos com que elas se transformem em explosões de fé, otimismo e confiança num mundo melhor, aquela pelo qual morreram Julius e Ethel Rosenberg.



OS jornais noticiaram a morte misteriosa de Emmanuel Bloch, o grande defensor do casal Rosenberg, tutor de Michael e Robby. O Departamento de Estado dos Estados Unidos procurou afastar os dois meninos de seus amigos e parentes para entregá-los a falsos tutores. Levantaram-se, mais uma vez, milhões de vozes para protestar contra mais essa iniquidade que se pretendia praticar em relação a Michael e Robby. Depois de várias tentativas "jurídicas" foram afinal entregues à tutela de sua avó, Sra. Sophie Rosenberg. Daqui transmitimos nosso carinho infinito aos dois garotos e sua avó.



Ilustração de DJANIRA



O Carvoeiro

Conto de
Plínio Cabral
Ilustração de
Maria Teresa

ERA um dia luminoso, cheio de vida. O mato estendia-se, abaixo; a folhagem tinha um tom verde-escuro e à distância parecia de um azul-fumaça.

Não havia nuvens no céu. O sol já descambava para o horizonte e a brisa, que antes batera a encosta, já não soprava mais. As sombras da mata infundável deixavam a terra úmida, escura, marcada por mil galhos que o tempo ia derubando. Os troncos, de grande porte, fendiam-se às véses, deixando aparecer o cerne de possantes angicos.

Repentinamente um grito enorme cortou aquele silêncio: — Paiaiaa!!!

Depois a palavra foi rolando pela serra, o eco multiplicou-se muitas vezes, até que ela morreu, já transformada em som pesado.

Anastácio largou a pá, ainda cheia de terra negra; e voltou-se para a voz que o chamava. Na clareira enorme ninguém aparecia. O silêncio voltara e as árvores, frondosas e senhoris, pareciam fitá-lo com ar de mofa. Respirou fundo e, com as duas mãos, apoiou as cadeiras. Depois gemeu, sen-

tindo que lhe doíam os rins. Fôra longo o trabalho, assim arcado, cavando a terra negra e úmida. Levou a mão grossa aos cabelos e depois, com a manga da camisa, passou o suor pelo rosto, limpando o suor que descia da fronte. A barba rala estava úmida e seu rosto encovado desaparecia entre os fios de cabelo. Arcou-se para trás, respirando fundo — e seu corpo alto, magro, dobrou-se como um caniço. Tornou a gemer e falou em voz alta:

— Ota vida!

Depois sentou-se na grama rala e alta que nascia pela clareira e procurou nos bolsos fumo para um cigarro. Nisto ouviu, pela segunda vez, o grito agudo e longo:

— Paiaiaa!!!

Voltou-se, novamente, para a mata. Porém as árvores continuavam em silêncio. A ramagem parecia mover-se furtiva e, depois, quando Anastácio olhava, recolhia-se, estática, naquele silêncio cheio de vida.

Ninguém aparecia. Então ele ergueu-se, pensou um pouco e murmurou:

— Que terá acontecido?

Pegou a pá e começou a tirar, dos tamancos, a crosta de terra que se pegara na sola. Depois seguiu, silenciosamente, pelo caminho estreito, rumo à casa.

— Que teria acontecido?

Colocou a pá no ombro e caminhou mais ligeiro.

Um cardeal cantou vivamente. Depois um chopim, negro como a noite, piou solitário.

II

A CASA ficava à beira do mato, entre o arroio e os frondosos pés de cedro. Era de barro, o barro que ele batera com suas próprias mãos, coberta de capim, capim que ele e ela haviam colhido no campo. Ao fundo estava a horta, e no remanso da sanga, muito tempo depois, os filhos, já crescidos, haviam construído uma taipa. Nascera, então, o açudezinho, onde lavavam roupa, banhavam as crianças. Ali havia um sópro de vida mais terno, mais humano, menos agreste que a vida silenciosa dos angicos e cedros pelas encostas dos morros.

Anastácio assustou-se quando viu o filho maior no portão, à sua espera, espichando a cabeça para a curva do caminho, onde nascia um capim alto, até chegar ao portãozinho da casa.

Pedro era o mais velho. Logo depois vinha Cândida, depois Paulo Antônio e a fila seguia, numerosa, naqueles degraus de escada que se repetiam cada ano. Que teria acontecido?

Anastácio largou na cerca, de fio para cima, a pá que trouxera do mato e depois, olhando com lentidão para o filho, perguntou:

— Que foi?

— A mãe...

Então lembrou-se e sorriu ligeiramente. Depois correu o olhar pelo cercado, pela estrada e o arroio, pela mata silenciosa, tendo nos lábios um sorriso leve, cheio de esperança — e balbuciou:

— Ahhh!

Acariciou a barba rala com a mão direita e repetiu:

— Ahhh! Sim... que surpresa! Eu não esperava...

E entrou em casa, onde a mulher, envelhecida, cabelos prateados, gemia com dificuldade, enquanto um choro de criança enchia o quarto de vida, o quarto estreito coberto de capim, forrado de barro.

III

NASCERA-LHE o décimo-primeiro filho e para Anastácio era ainda a mesma alegria de sempre. Respirava fundo o ar das madrugadas, bebia na fonte cristalina, depois erguia seu corpo longo e olhava aquela imensidão de árvores que o cercavam.

Sentia-se feliz, embora a vida lhe fôsse difícil, dura e áspera. Agora eram 11 filhos. E apenas os dois maiores podiam ajudar nas queimadas.

O buraco já estava quase no "ponto". Tinha cavado meio metro, talvez mais e era o que bastava. Tirou a terra solta e jogou-a fora. Depois chamou o filho:

— Pedrinho!

E o rapaz, do outro lado, respondeu:

— Pronto, meu pai!

— Já terminei...

Anastácio saltou para fora, rindo com largueza.

— Já?

— Já.

E o menino também riu.

— Então vamos derrubar...

— Vamos...

Anastácio limpou na manga da camisa o suor que lhe descia pelo rosto. Depois colocou a mão pesada no ombro do filho e os dois caminharam para o mato e ficaram olhando muito tempo os pés de angico, gigantescos e senhoris.

Por fim Pedrinho disse pensativo:

— Isto dá bom carvão...

— Bom...

— É pena...

— Eu também sinto pena cada vez que derrubo.

— Até parece crime.

— Parece.

Pássaros piaram na ramagem. Um chopim começou a chorar. Então uma voz de menina ecoou ao longo da mata:

— Paiaa!!! Ó Pai!

E quando eles voltaram, a voz, cujo eco morria pela encosta, repetiu:

— Olha a bóóóia!

Então os dois seguiram, em silêncio, pelo caminho coberto de folhas secas que o tempo ia juntando como tapete naquele mundo imenso de árvores e ramos.

IV

O MACHADO batia num compasso de morte. Um, mais forte, era Anastácio; outro, mais fraco — era Pedrinho. O eco repetia-se ao longo da mata, multiplicava-se, perdia a força, tornava a repetir-se, vibrante, depois sereno, a perder-se na distância. A floresta inteira vibrava, afugentando pássaros e animais. Os dois lenhadores pareciam figuras minúsculas, enfrentando gigantes lendários, aos quais mal feriam. Um angico tombava e o barulho parecia um terremoto. Seus ramos abriram passagem pelas folhagens de árvores menores, arrastando na sua queda arbustos inocentes. Depois tudo ficava em silêncio, um silêncio de morte, pesado, triste. Pouco a pouco a mata tornava-se outra vez impassível, alheia à ferida recém-aberta.

Então vinham os filhos menores e começavam a trabalhar, picando o angico em mil pedaços, primeiro em toros grandes, depois em lascas, finalmente, em "lenha de metro".

A mulher sentava-se na clareira, amamentando o filho recém-nascido, olhando aquele formigueiro de gente que lhe pertencia, a trabalhar sobre o angico gigante. Anastácio sentia um sabor de vitória e todos tornavam-se possuídos de um entusiasmo vibrátil e trabalhavam até que a primeira estrêla surgisse no céu e uma vozinha de mentira gritasse:

— Paiaa!!! Olha a bóóóia!

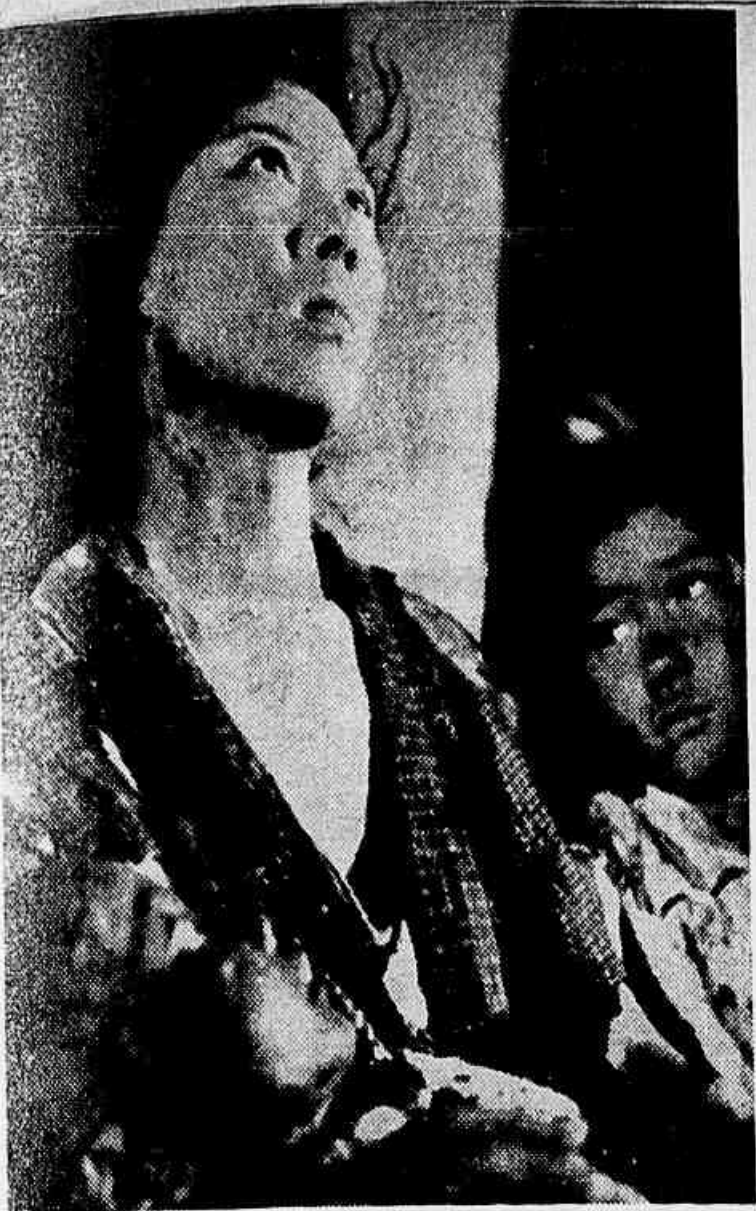
Então eles largavam o trabalho e voltavam, em silêncio, para casa.

V

QUEIMARAM a lenha na cova enorme que Anastácio tinha aberto. As labaredas subiram ao céu e foram tão altas que tostaram o verde das árvores e estenderam o seu calor até o coração da mata. Um dia e uma noite queimou o angico, até transformar-se num monte de brasas vivas. Anastácio tostava-se no calor, olhando o fogo, à espera do brasedo, cuidando para ver o "ponto". E quando as cinzas cobriram levemente as brasas,

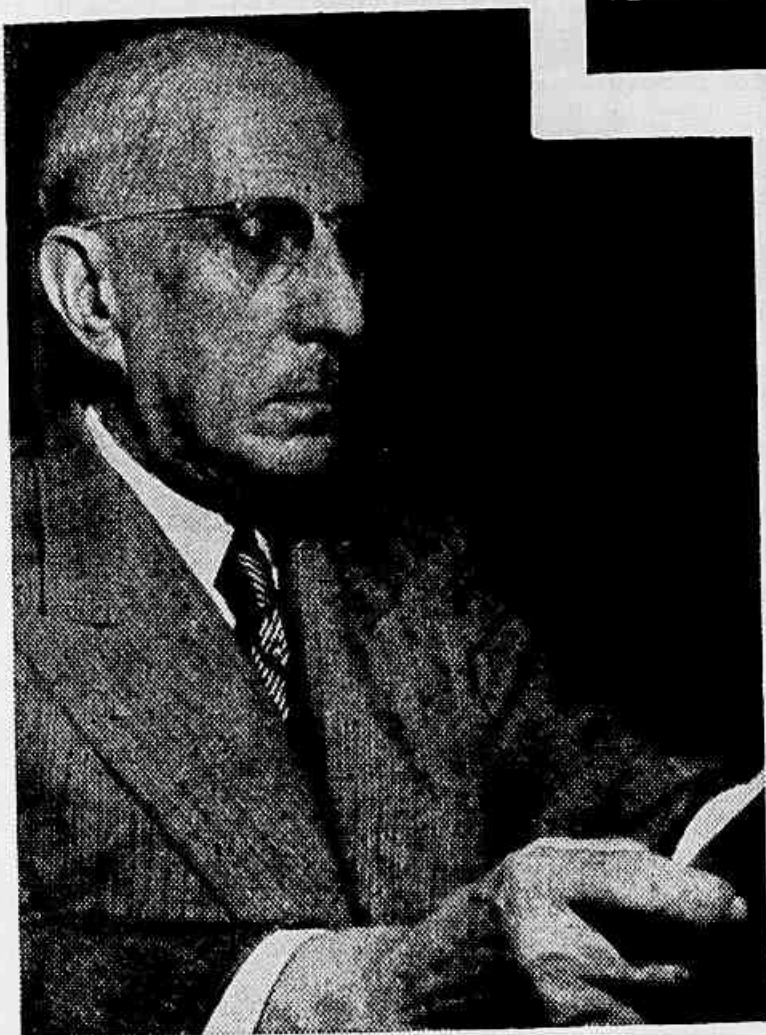
(Conclui na pág. 18)

MOMENTO FEMININO



● Outra vez a ameaça atômica se abate sobre a humanidade, colocando na ordem do dia a necessidade da proibição dessas armas terríficas. A explosão da bomba H, a 1.º de março, fez dezenas de vítimas no Japão e apavora o mundo.

ÚLTIMAS de toda parte



● O ex-presidente Bernardes, em declarações à imprensa, mostrou-se preocupado com a situação atual do país. Disse ele que somente uma revolução seria capaz de mudar a rota perigosa pela qual os governantes conduzem o Brasil.

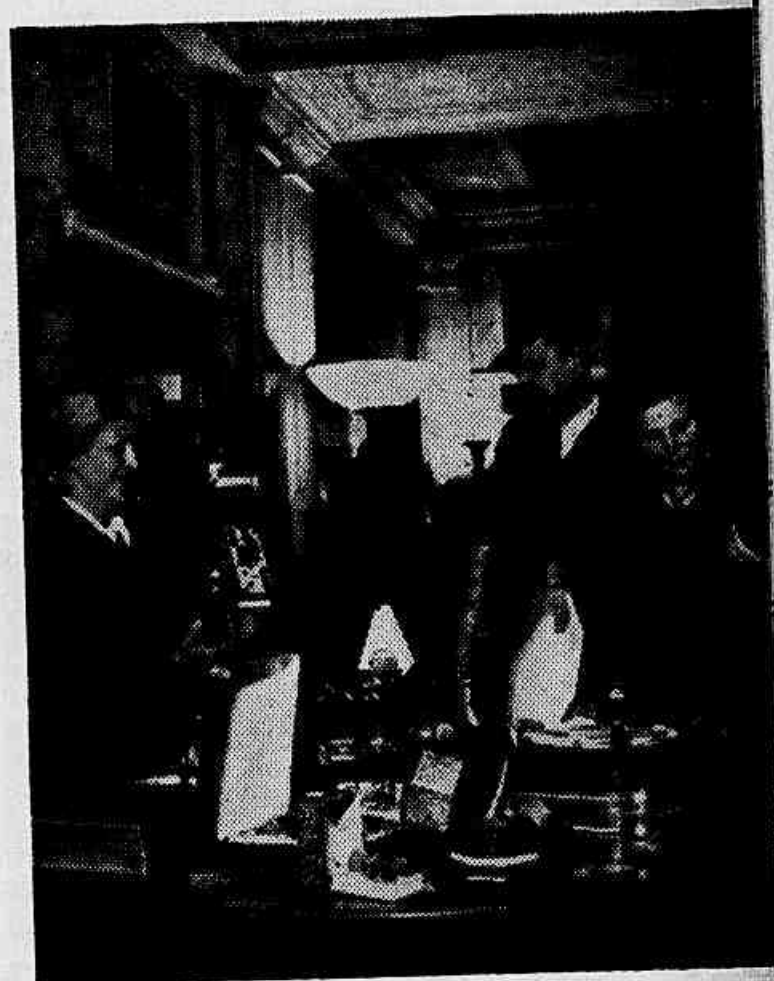
● Micheline Presle é a nova "Dama das Camélias" na co-produção franco-italiana em que é protagonista Gino Cervi. A direção é de Raymond Bernard. O filme promete.



● As três mais belas irmãs do cinema italiano — Natacha, Silvana e Patrícia Mangano aparecem juntas no filme "Ana", recém-exibido na França. A mais jovem das Mangano acha-se agora num colégio de Londres, depois de ter assistido em Paris à apresentação do filme. Silvana, que tem um novo bebê, esteve recentemente na França acompanhada de seu marido.



● Charlie Chaplin, o famoso Carlitos, anuncia um filme cuja personalidade principal será baseada nessa figura da nova Inquisição que se chama Mc Carthy. Não há dúvida que teremos êxito igual ao de "O Ditador".



● Na União Soviética baixaram os preços pela sétima vez depois da guerra. E na Tchecoslováquia pela terceira, numa proporção de 8 a 25% sobre 53 mil produtos diversos. Na fotografia, uma loja soviética.

CARTAS DO RIO

Cara amiga:

Eles vieram de longe, da cidadezinha velha, cansados da pasmaceira de lá. Vida aperreada, gêneros caros e faltando, a zona dos ricos florescendo e a dos pobres sempre mais miserável. Na cidade pequena por alguns anos reinou o terror: o cangaço descera do sertão e se instalara no Palácio do governo. Mas agora tudo andava serenado porque o novo habitante da sede governamental prefere agir sem arruaças...

A culpa de tudo ali é atribuída à falta de civilização. Terra pequena, gente inculta, pedintes em toda a parte. Bom era o Rio, a Cidade Maravilhosa: conforto, cultura, tudo grande, à altura do Brasil.

Havia os parentes e havia a saudade. Juntando tudo, inclusive o dinheiro economizado, resolveram tomar o Ita. Vieram. O Ita jogava, tirava-lhes o alimento do estômago. Só não podia tirar-lhes a esperança de que breve o desconforto ia acabar, porque o Rio ficava cada vez mais perto.

Chegavam. Iam entrar na barra. O alvoroço e a emoção eram grandes. O Pão de Açúcar, sentinela indormida, deu-lhes passagem. E a Guanabara azul, abraçada de morros e arranha-céus, surgiu radiosa ao sol morno da tarde. Os livros e as testemunhas não tinham mentido: a Guanabara era mesmo uma beleza enorme, cuidada pelas mãos carinhosas do Criador... Ali era Botafogo — aquela curva preguiçosa. A ilhazinha, com a igreja ao alto, bordada de ondas brancas, era Boa Viagem — fronteira a Niterói. Chegavam. Ilha de Villegagnon, ilha das Cobras, a Fiscal do baile de Pedro II nas vésperas da República, com suas palmeiras isoladas.

Veio o cais. Vieram os parentes e os abraços, foram mortas as saudades, as alegrias renascidas.

Alojaram-se. Zona sul — que felicidade! na terra carioca! No dia seguinte, um passeio. Depois do almoço, para ver a cidade.

(Conclui na pág. 18)



Reportagem de
Léa Sá Carvalho



A seca continua a expulsar as famílias do sertão.



A hospedaria está vazia mas os flagelados se abrigam por baixo dos cajueiros.



Não podem trabalhar porque não têm documentos.



Onde está o dinheiro da campanha "Ajuda teu irmão"?

A AJUDA A TEU IRMÃO

O MARANHÃO é uma planície cortada de rios. O Ceará é uma caatinga de rios secos. Quilômetros e quilômetros de terra ressecada, sem o menor vislumbre de vegetação. Há três anos quase não chove naquele Estado.

Na capital construíram uma Hospedaria. Chama-se, é claro, Getúlio Vargas. Dentro, grandes pavilhões nus, apenas com ganchos para rédes. Cada pavilhão tem um nome: Agamemnon Magalhães, Souza Costa, José Américo, etc. Lá estão os nomes dos governantes como a tripudiar sobre a miséria do povo.

A princípio a hospedaria estava fechada. Não conseguimos entrar. Em frente, um areal e cajueiros e, adiante, dezenas de famílias agrupadas em cabanas de folhagem. Crianças sujas revolvendo-se na areia, mulheres fervendo caldeirões em pequenas fogueiras.

Aproximamo-nos de uma cabana. Maria, apenas com 24 anos, parecia uma velha. Em torno dela, crianças. No chão, rastejando, um bebê pálido, barrigudo. Ela cozinhava.

— De onde você vem, Maria? — perguntamos.

— Viemos do Quixadá, 40 léguas andando por esse sertão. Às vezes conseguíamos um caminhão. O resto veio mesmo no calcanhar.

— Por que saíram de lá?

— Ficar pra quê? Há três anos e pouco lá não chove. Trabalhávamos na terra de um dono. Tínhamos que dar a "meia". Aguentamos até o fim. Depois... não tinha mais "meia" pra dar... Viemos embora.

— E agora?

— Agora não sei. Meu marido é moço. Está procurando trabalho. Se ele não achar nada... Tive oito filhos, já morreram três. Agora tem mais dois com febre. Não sei não...

— Por que vocês estão aqui fora? Não há lugar na hospedaria?

— Lugar tem, mas não deixam a gente entrar nem pra pegar água. Hoje meu marido trabalhou das três da noite até de manhã e então posso dar sopa para as crianças. Veja, só ossos.

Nesse instante chegou o marido. Realmente, um rapaz jovem, pronto para qualquer serviço.

— Mas cadê o serviço? Chego num lugar, peço trabalho, daí respondem que só com carteira. E onde vou tirar carteira? Não tenho documento nenhum, nem dinheiro.

— E o que pretende fazer?

— Estou vendo se consigo ir pra Manaus. Dizem que lá tem trabalho. E se a senhora é jornalista, diga para todo o mundo só que o que estão fazendo com a gente é um crime. Até parece que a culpa é nossa de não ter chuva. Maltratados na cidade, expulsos de todos os cantos, estamos aqui feito cachorro! Às vezes vêm umas donas dar esmolas. Mas não somos mendigos. Queremos trabalho. Também nascemos gente e temos o direito de viver como gente.

Em torno, juntavam-se outras famílias de flagelados.

Isaura Maia vinha de Limoeiro do Norte.

— Eu tinha dez filhos, agora só tenho oito. Felizmente dois morreram. Não chorei nem um pouco. Foi melhor pra eles. Sofrer o que sofremos não vale a pena. Veja aquela ali. Teve uma criança. Vá lá ver. A menina nasceu ali naquela igreja que estão construindo. Depois voltou pra cabana. Isso é vida pra criança?

Realmente, sob uma cabana de folhagens estava uma pobre mulher. A criança de cinco dias estava toda mordida de mosquitos. A mu-

São assim os acampamentos em que se amontoam, como gado, criaturas humanas abandonadas pelos que tinham a obrigação de prestar-lhes ajuda eficiente. O dinheiro destinado no Orçamento às Obras contra as Secas anda a estas horas nos bolsos dos grandes proprietários. O escândalo da apropriação indébita é abafado à custa de campanhas tonitrואntes, das quais os flagelados não vêem testão.



NÃO CHEGOU AO CEARÁ

Iher envolvia a filha em trapos sujos e olhava-a amorosamente:

— Coitadinha de minha filha... Coitadinha...

As crianças em volta de nós, pediam um tostão. Uma garotinha de seis anos, parecendo uma velha, nos seguia.

— Moça, meu pai está doente. Há cinco dias não comemos nada. Moça, meu pai está doente... Há cinco dias...

Decidimos entrar na hospedaria de qualquer maneira. Queríamos saber por que estavam ali aquelas famílias. Por que esse abandono. Entramos. Lá dentro, um soldado e alguns homens. Os pavilhões vazios. Apenas o busto do sr. Getúlio Vargas. Um busto de pedra que nada ouve nem vê. Perguntamos por que não deixavam entrar as famílias. Cada um dava uma resposta, mas em resumo havia uma ordem do administrador, Sr. Oscar Façanha Bayma, para que nenhuma família de flagelados entrasse. E a ordem é taxativa. Não entra ninguém.

Afinal chegou um senhor, com botas de couro, parecendo um feitor. Não quis dar entrevistas. Disse que era apenas empregado e que não podia falar.

— Pois não fale. Diga apenas por que isso tudo está vazio e as famílias de flagelados estão lá fora, ao relento.

— É ordem do delegado do Trabalho, sr. Crisântomo Pimentel. Não temos verba para os flagelados.

— E onde está a verba?

— Não sei. Também acho mal feito. Mas a verba é federal e quando acaba, não podemos abrigar ninguém. Isso está sempre cheio. Mandamos todos eles para Manaus. Vão para o seringal.

— E o que acontece com os que não querem ir para Manaus?

— Ficam por aí. Também acho errado. O nosso Estado devia resolver esse assunto. Mas ninguém faz nada. Uns ficam esperando pelos outros. Enquanto isso, essa gente sofre.

— Que fim levou o dinheiro e mantimentos da campanha "Ajuda teu irmão?"

— Não sei. Mas uma coisa eu posso dizer. Dessa campanha não chegou aqui nem mesmo uma camisa sem mangas. Nada. Nem um tostão. Eu soube que fizeram uma quermesse com o fim de obter dinheiro para a construção de uma igreja... Diziam que as mercadorias vendidas eram as da campanha. É só isso que sei.

— Mas juntou-se tanto dinheiro... O povo do sul contribuiu. Mantimentos... roupas... remédios...

— Ficou tudo por lá. Estou dizendo e repito. Aqui não chegou nada.

É esta a situação atual dos flagelados. Ao relento, porque não há verba, embora exista o teto... Miséria, fome e falta de trabalho porque não há documentos. Crianças nascendo ao relento e morrendo... também ao relento.

E quando assaltam cidades e exigem comida, são chamados de bandoleiros. Pois que se multipliquem esses "bandoleiros". Só por suas próprias forças conseguirão comida e trabalho.

Sr. governador do Ceará, sr. Presidente da República, senhores ministros que destes vossos nomes aos pavilhões: ficai sabendo que os flagelados também são gente. E como gente, amaldiçoam os vossos nomes e começam a voltar-se para os verdadeiros líderes do povo. Como gente, começarão a seguir o único caminho que os levará a uma vida digna, como merecem.



Jorge Veiga, Linda Batista, Emília Borba e Francisco Carlos.

RADIO

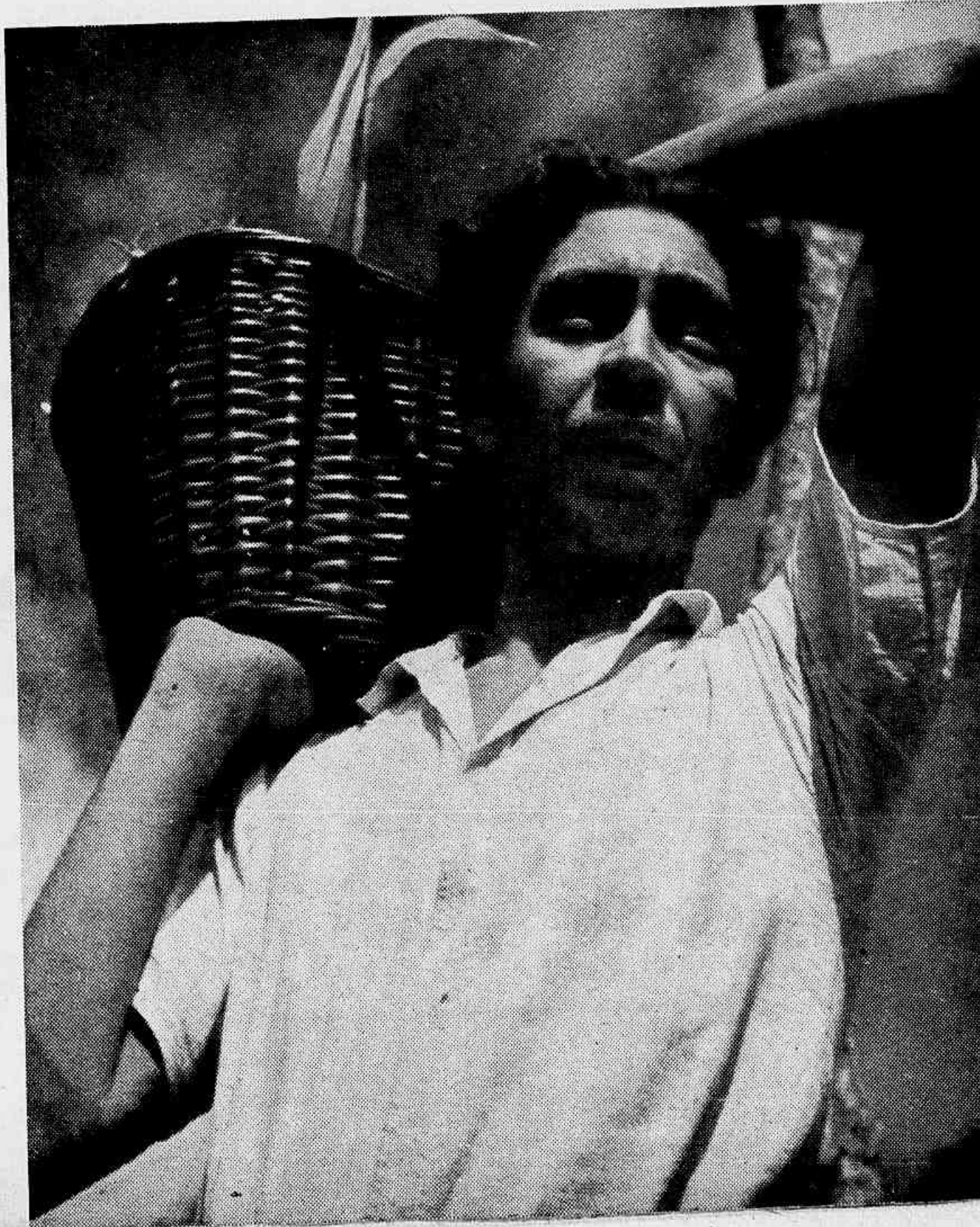
O Carnaval marca um ponto alto no ambiente radiofônico. Depois, tudo cai e há uma espécie de descanso geral. Aliás, o rádio anda quase que parado nesse Rio de Janeiro. Ligamos para uma estação em junho de 1953 e quando vamos ligar para a mesma em 1954, vemos que os programas são iguais. Quase não há renovação. Os mesmos artistas, os mesmos produtores.

A Tamoio continua com suas novelas choradas, a Tupi tirou do ar a PRK-30, e mantém sua Seqüência G-3 com alguma coisa interessante e o resto com um pouco de tolices. O "Balança mas não cai", da Nacional, vem se repetindo e usando ao máximo a pornografia. "Vai da valsa", na Mayrink, mantém seu nível, mais ou menos interessante.

Se observarmos o resultado do concurso dos "maiores" no ano de 1953, concurso este realizado pela "Revista do Rádio", veremos que Amaral Gurgel continua sendo considerado o melhor novelista, Lúcia Helena, a melhor locutora, Reinaldo Amaral, o melhor locutor, Cesar de Alencar o melhor animador de auditório, e assim por diante. É quase uma cópia do ano de 1952.

Nessas considerações mais ou menos pessimistas, podemos ao menos destacar uma notícia boa: Ângela Maria, como rainha do rádio. Esta é uma das "novas" e esperamos que sua eleição marque o começo de uma renovação em nossas emissoras.

As crianças dos retirantes vivem assim meses e meses. Na areia, chelas de bichos de pé, mordidas de mosquitos, nuas ou envolvidas em trapos. É o último degrau da miséria a que chegam famílias inteiras. Esse crime leva as mães a preferirem ver seus filhos mortos a ouvir seus gemidos de fome, vê-los ardendo em febre, consumidos à falta de um pedaço de pão. "Expulsos de toda a parte, estamos aqui feito cachorros" — dizem os retirantes revoltados.



O QUE VAI PELOS ESTADOS

SÃO PAULO

Dia Internacional da Mulher — A Federação de Mulheres do Estado de São Paulo comemorou a data de 8 de março com uma sessão cívico-litero-musical em sua sede, na Rua da Liberdade n. 120. Personalidades e representantes de quase todos os bairros estiveram presentes à festa. Abriu os trabalhos a Sra. Eunice Catunda, presidente da Federação, tecendo considerações sobre o significado da data. Outras senhoras referiram-se à Declaração de Direitos e ao Congresso de Mulheres realizado em Copenhague. O vereador Anselmo Farabulini enalteceu o trabalho das mulheres em favor da paz e pelas reivindicações femininas. O conjunto cênico de Vila Alpina executou vários números de música, após o que foi servido um coquetel aos presentes.

Apoio à Convenção pela Emancipação Nacional — No salão da "União Fraterna" da Lapa foi realizado um amplo debate público sobre a Convenção, do qual participaram numerosas pessoas de todas as camadas sociais, entre as quais o deputado José Miraglia, general Leônidas Cardoso, Sra. Eunice Catunda, engenheiro Catulo Branco, Sra. Elisa Branco, professor Taibo Cadorniga e outros. O congelamento dos preços foi um dos temas principais do debate. A senhora Elvira Câmara falou sobre os preços dos livros escolares. O deputado José Miraglia defendeu as liberdades públicas e o problema da produção, salientando que o governo utiliza vultosas verbas para fins bélicos em vez de aplicá-las em favor do progresso do Brasil. O Vereador Armando Zamella denunciou o fato de serem vendidos na América Latina medicamentos de má qualidade, proibidos nos Estados Unidos. Depois de terem falado outros oradores, a assembleia aprovou uma resolução de apoio à Convenção, tendo sido eleita uma comissão para dirigir os trabalhos no bairro da Lapa.

Banda Feminina de Alagoas — Estêve em visita a São Paulo a Banda Feminina "Gustavo Paiva", constituída de jovens operárias. O grupo musical, que despertou curiosidade e aplausos, veio prestar suas homenagens ao povo paulista pelo IV Centenário de São Paulo.

Violências policiais — Causou profunda revolta na capital a estúpida agressão policial de que foi vítima a Sra. Jandira Gonçalves que, em adiantado estado de gravidez, foi brutalmente espancada no Departamento de Investigações pelo simples fato de estar desacompanhada à noite. Empurrada violentamente pelos policiais, a Sra. Jandira, que é casada e mãe de dois filhos, rolou por uma escada, havendo abortado em consequência disso. Foi aberto mais um inquérito... na própria polícia.

Parabéns à Vila Alpina — A encarregada de "Momento Feminino" em Vila Alpina, nossa querida amiga Abigail, tem feito grandes esforços para divulgar a nossa revista. Têm sido organizados comandos naquele bairro, sendo vendidos todos os números, o que vem provar o interesse das mulheres pela sua revista. Que o exemplo de Vila Alpina seja seguido por nossas amigas dos outros bairros, são os nossos sinceros votos. Aguardamos outras boas notícias de São Paulo.

Associação Feminina de Sorocaba — Com um quadro social de mais 500 sócias, a Associação Feminina de Sorocaba desenvolve suas atividades com sucesso. Funcionam, com uma frequência média de 150 alunas, cursos de tricô e costura, frivolidé, flôres, decoração de bolos e bordados. Em homenagem à passagem do ano, a Associação editou um

boletim com notas sociais, balancete etc. A Associação presta assistência médica às suas associadas, tendo sido atendidas, nos meses de outubro e novembro, 18 pessoas.

A vida social é viva e interessante. Foi realizada uma exposição de trabalhos confeccionados pelas alunas dos diversos cursos. Festas, piqueniques, chás etc. são realizados pelas sócias.

Recebemos o "Boletim Informativo" bem como uma carta da Sra. Joana Mirim, enviada à Professora Caetana Martini, agradecendo a atenção que lhe foi dispensada e reconhecendo o ótimo aproveitamento obtido no curso de bolos artísticos.



MINAS GERAIS

Atividades do Centro das Donas de Casa de Nova Lima — O C. D. C. de Nova Lima realizou uma assembleia para empossar a nova diretoria, da qual participaram cerca de 500 pessoas, entre as quais uma delegação do C.D.C. de Belo Horizonte.

Empossada a nova diretoria, sob palmas da assistência, foi apresentado o programa de trabalho que inclui o tabelamento dos gêneros de primeira necessidade, lutar por água em todas as casas, transportes coletivos, material escolar para as crianças e abono-família.

Usou da palavra o presidente do Sindicato dos Mineiros da Cia. Morro Velho que destacou a importância da participação das mulheres ao lado dos maridos na luta pela conquista de suas reivindicações.

D. Noêmia Gouveia falou sobre a Convenção pela Emancipação Nacional e D. Valquíria Jardim falou sobre a situação das famílias dos mineiros. D. Célia B. Lobato, presidente do C.D.C. de Belo Horizonte, indicou D. Noêmia Gouveia para ir ao Rio participar da reunião preparatória da Convenção Nacional. Também foi indicada D. Nair Silva, vice-presidente do C.D.C. de Nova Lima. Terminada a assembleia, foram realizados leilões americanos, após o que teve lugar animado baile.



DISTRITO FEDERAL

União Feminina Pedro Ernesto e Ramos — Comemorando o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, a União Feminina Pedro Ernesto e Ramos realizou uma festa, ocasião em que foram servidos doces e salgadinhos às convidadas. Falaram sobre a data as senhoras Iêda Menezes, Evelina Borges, Hilda Machado Vitorino e Albertina Sodré. Na mesma ocasião foram inaugurados cursos de corte e costura e alfabetização, em meio a grande entusiasmo de todas as pessoas presentes.



ATENÇÃO — Reiteramos às nossas amigas do interior que nos enviem diretamente cartas e notícias sobre o que vai por aí. Enviem-nos reportagens, fotografias, e tudo o que acharem útil ser publicado na nossa revista. Aqui estamos às ordens. Mandem dizer como tem sido acolhido "MOMENTO FEMININO" e quais as possibilidades de maior divulgação em sua cidade.



Júlia, Ernestina, Antônio, Lídia, e Luiz Carlos, filhos de Dona Matilde e Sr. Salvador Soares Santos (Distrito Federal)



MARIA DOLORES SANTOS

"Anexo envio uma fotografia da garôta; chama-se Maria Dolores Santos, com dois anos de idade, filha de José Luis Santos e Maria Dolores Santos. Quando esta última, grávida de 9 meses, esperava Maria Dolores, sua primeira filha, sofreu as maiores arbitrariedades policiais, vendo seu marido arrancado do seu humilde lar por um grupo de capangas, pelo simples fato do mesmo ser coletor de assinaturas por um pacto de PAZ. José Luis foi preso e condenado a 5 anos de reclusão; agora, em janeiro, o Tribunal Federal resolveu reduzir a pena para 2 anos. Sai da prisão e encontra Maria Dolores já com 2 anos de idade, sem ter conhecido o carinho seu".

(Trecho de uma carta de nossa representante Maria Augusta Neves Miranda, de Maceió, de 11-2-54).



Gilma Olga, 5 anos, filha de Djalma Cussatis

Lenita e Berenice, nossas amiguinhas de Recife



NOTÍCIAS DA NOSSA CAMPANHA

QUERIDAS leitoras e representantes: Nossa revista depende de vocês. Tudo estamos fazendo para que ela se torne melhor. Mas esse esforço não é gratuito. Por isso lançamos a nossa campanha e a colocamos nas mãos de vocês. Mais do que nunca a nossa revista necessita do seu apoio amigo, do empenho e do entusiasmo que sempre as animaram.

Divulguem a revista. Distribuem exemplares entre as pessoas de seu conhecimento, às bancas de jornais de suas cidades. Coloquem cartazes nessas bancas, anunciando que está à venda a revista da mulher brasileira.

Se a sua cidade tem distribuidor ou distribuidores de jornais e revistas, entre em entendimento com eles para que se



"Momento Feminino" homenageia a Sra. Olinda, de Niterói, pelo seu brilhante trabalho realizado na divulgação de nossa revista.

encarreguem de distribuir "Momento Feminino".

Não se descuidem das assinaturas. Nosso preço aumentou — vocês compreendem — as despesas duplicaram. A assinatura custa agora 35 cruzeiros e o número avulso, 3 cruzeiros.

E também não se esqueça de formar os amigos e amigas de "Momento Feminino". Peça-lhes uma contribuição mensal, mesmo que seja módica, para a nossa revista. Façam festas — grandes e pequenas — como for possível. Ampliem ao máximo a venda e divulgação dessa revista que pertence a todas nós.

Contamos, amigas, com o pleno êxito desses esforços.

E não esqueçam: o Rio está à espera da vencedora! E' o prêmio que reservamos a seu sacrifício e entusiasmo.

★ CINEMA ★

NASCEU UMA ESTRELA



Billy Wilder à esquerda, e William Wyler à direita, respectivamente o produtor e o diretor de "A Princesa e o Mendigo", filme que levou a jovem atriz Audrey Hepburn (centro) ao mais vertiginoso estrelato destes últimos tempos.

A personagem principal é inspirada, segundo se diz, na figura muito comentada da Princesa Margaret da Inglaterra.

★ ★ ★

FILME SOVIÉTICO PREMIADO



Na fotografia, Alla Larionova, a bela intérprete do filme soviético "Sadko", premiado entre os melhores apresentados no último Festival de Veneza. A União Soviética apresentou-se também no festival cinematográfico de Cannes, com filmes de alta qualidade artística. O chefe da delegação declarou que seu país está disposto a realizar películas em co-produção com outros países interessados.

★ ★ ★

MOMENTO FEMININO estará representado na Conferência Internacional de Imprensa Feminina, a realizar-se em Bruxelas, na pessoa de nossa Redatora-Chefe Zenaide Moraes.

DESTINO é o título de uma co-produção que reúne artistas de várias nacionalidades e reflete o drama da mulher em face do pesadelo da guerra. Eleonora Rossi Drago aparece num dos três episódios em que se divide o filme ao lado, da conhecida atriz norte-americana Claudette Colbert. Esta desempenha o papel de uma viúva de guerra estadunidense, que vai a Itália para trasladar para a América do Norte o corpo do marido, morto no último conflito. Mas, quando penetra no pequeno cemitério, fica surpreendida ao ver a tumba adornada com flôres frescas. As flôres são trazidas diariamente por uma piedosa jovem. A viúva procura a casa da italiana, onde a encontra com uma louríssima criança. Uma dramática explicação revela o rápido e sincero amor que nascera na Itália entre o americano e a italiana, entre os tormentos da guerra. A viúva compreende que o mundo da guerra é um mundo absurdo, cruel, que gera lacerações e dores. Volta ao seu país deixando a tumba onde estava: é justo que a mão da rapariga italiana continue a levar-lhe flôres todos os dias e a venerar a criança loura. Esta primeira seqüência é dirigida pelo cineasta italiano Marcel Pagliero.

Do filme "Destino" participa ainda Michel Morgan, que interpreta um aspecto da vida de Joana D'Arc, sob a direção de Jean Delannoy. A heroína francesa é aqui apresentada em um momento de desânimo, de drama interior. O episódio conta como esta pobre jovem, abandonada pela multidão e objeto da parte de muitos de uma veneração quase supersticiosa, era na verdade uma pobre mulher no meio de uma guerra, que vai ao encontro de seu trágico destino.

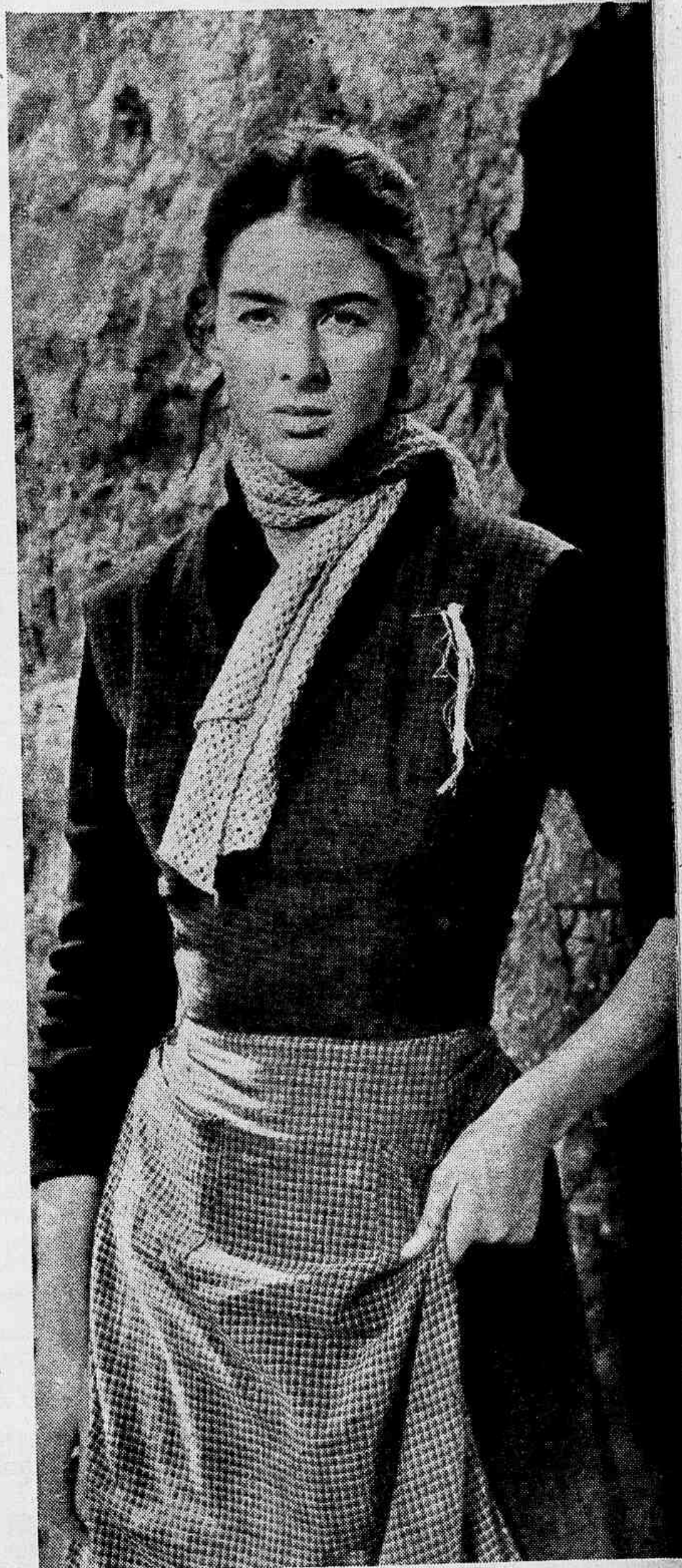
O terceiro episódio do filme é diverso dos outros dois: tem um caráter satírico, irônico, mas cheio de ensinamentos e de profunda verdade. Martine Carol, Raf Vallone, Paolo Stoppa, são alguns dos principais intérpretes da breve comédia dirigida por Christian-Jaque. Trata-se de um entreccho inspirado na obra do grande escritor grego Aristófanes: *Lisistrata*. Lisistrata é uma mulher inteligente que se põe à frente de todas as mulheres atenienses para fazer cessar a guerra entre Atenas e Esparta. Todas estão exaustas da guerra. Lisistrata lança mão de um meio infalível: conseguir um acordo entre as mulheres das duas cidades que odeiam a guerra, que estão cansadas do terror e do perigo e que não conhecem o ódio. Um entreccho bizarro, quase cômico, mas que tem como base uma grande verdade: as mulheres odeiam a guerra.

★ ★ ★

Nas fotografias: ao alto, Claudette Colbert, a viúva norte-americana; no centro, Leonora Rossi Drago, no papel da jovem italiana. Em baixo, Lisistrata (Martine Carol) que liderou a rebelião das mulheres contra a guerra de Esparta e Atenas.



DESTINO





“DEFENDAM A MÚSICA BRASILEIRA”



diz MARGOT LOYOLA, em visita ao Brasil

OS cariocas divertiam-se na Avenida Rio Branco, na Segunda-feira de Carnaval. Passou um bloco entoando sambas e um grupo de turistas parou para observar. Dentre eles destacou-se uma senhora. Como fantasia, um gorro branco onde se lia, escrito a lápis: “CHILE”. Aproximou-se do grupo que parara para sambar. Alguem gritou: “2 a zero!”. O Chile acabava de perder no futebol. Mas a turista não se importou com a brincadeira. Entrou no samba. Não sabia a letra, mas acompanhava a música. De braço dado com um preto começou a sambar. Os outros fizeram roda. E durante meia hora Margot Loyola dançou e “resmungou” o nosso samba. “Tenha pena de mim... não posso mais”...

Dias depois fomos encontrar Margot Loyola já de partida para o Chile. Viera para o Brasil, participar do I Congresso de Intelectuais de Goiânia. Como despedida, ia nos dar um recital de canto folclórico.

Professora da Universidade do Chile, já há 6 anos ensina dança e canto. Atua nos principais teatros e emissoras do Chile, apresentando canções folclóricas de seu país. Já se apresentou no “Sodré” de Santiago, “Entre nous” de Lima, Municipal de Cozco.

— Estou satisfeita em poder dar uma entrevista para o MOMENTO FEMININO. Diga a todas as suas leitoras que adorei conhecer o Brasil. O folclore de vocês é variado e profundo. Seria preciso viver 100 anos para estudá-lo. Senti no ar ritmo, colorido e movimento, como em nenhuma outra parte do mundo.

— Margot, qual a música de que você mais gostou no Brasil?

— Fiquei impressionada com o espírito de musicalidade que senti em todos. Em Goiás tive oportunidade de ouvir os camponeses entoando a “catira”. Já aprendi e vou levá-la para o Chile. Ouvi alguns discos de Luis Gonzaga e achei formidável a música do Norte.

Já aprendi alguns côcos. Vocês possuem um ritmo que pode ser levado para todos os países. E vou aproveitar a oportunidade para transmitir uma mensagem aos intérpretes da música brasileira:

“Defendam a música típica brasileira! Mas que ela seja a expressão do povo, sem arranjos rebuscados e cheios de coisas. A música deve ser apresentada como é recolhida nas fontes. Deixem de lado os mambos e boleros e cantem a música tão bonita que o povo lhes oferece”.

Depois dessa mensagem Margot Loyola pouco mais tinha a dizer. Estavam presentes vários intérpretes de nossa música e compositores nossos. Acompanhando-se, ora com a guitarra, ora com um tambor típico, ela cantou dezenas de lindas melodias. Brejeiras, alegres, ou então lamentos índios, fluíram as mais belas canções chilenas. Jorge Fernandes cantou Noel, sambas e maracatus. Stelinha Egg interpretou Caymmi e outras músicas típicas. Krugger acompanhou ao violão Roberto que apresentava suas melodias. E Margot Loyola cantava também. Interpretou com a maestria de uma artista a “catira” e o “côco”. Nós fazíamos côco.

— Nunca em minha vida conheci gente igual a essa. A cordialidade, simplicidade e afeto dos brasileiros são extraordinários. Voltarei ao Brasil. Trarei um conjunto musical de harpa, guitarra e dançarinos. Vou dar uma série de recitais! Estou entusiasmada!

— O que nos dá sobre a mulher chilena, Margot?

— Admiro profundamente minhas irmãs do Chile. Elas se destacam em todos os meios. Lutam com grandes dificuldades, mas estão aos poucos se impondo. Posso citar dezenas de mulheres que hoje desempenham um papel progressista em nossa cultura: Maria Maloenda, no Teatro Experimental, Marucha Solari, na Escola de Danças, Aída Parada, Olga Po-

SAMBA NA AVENIDA RIO BRANCO.



DA UNIVERSIDADE DO CHILE PARA O CONGRESSO DE GOIÂNIA.



UMA NOITE DE FOLCLORE CHILENO E CANÇÕES ÍNDIAS.



“CATIRA” DE GOIÁS E “COCO” DE ALAGOAS.



PROMESSA DE VOLTA.

Margot Loyola entre os “catireiros”, conjunto folclórico de Goiás, cuja atuação no Congresso de Intelectuais deu-lhe um cunho de beleza e de ineditismo. Margot Loyola aprendeu a dançar a “catira” com entusiasmo.

Ao alto duas poses de Margot Loyola, que ficou impressionada com o nosso folclore. “Senti no ar ritmo, colorido e movimento como em nenhuma parte do mundo”. — disse à reportagem.

blete e Maria Marchant, no terreno da educação e pedagogia. Branca Hauser e Rajen Quintral, no canto, a pintora Mireja Lafuente, a Assistente Social Amália Cheno e a Folclorista e pianista Austrália Cunha.

— Mande MOMENTO FEMININO para nós. E dê a todas as brasileiras a minha carinhosa saudação. Diga-lhes que eu as admiro profundamente!

Volte Margot. Volte em breve para que possamos ouvi-la novamente. Contamos com a sua promessa.



RIO MAGAZINE

e

SÃO PAULO MAGAZINE

As duas revistas máximas desta capital e de São Paulo
Circula entre mais de 80 mil leitores, mensalmente



A MULHER BRASILEIRA

A participação da mulher brasileira foi decisiva no Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais. Nas fotos acima, vemos a pianista Ana Stela Schik, ao lado do poeta haitiano

René Depestre; a conhecida repórter Zora Braga e a poetisa gaúcha Lila Ripoll, a jornalista Nair Batista e a pintora Djanira.

Texto de NAIR BATISTA

EM Goiânia, a mais jovem das capitais brasileiras, reuniram-se em fevereiro último, mais de duas centenas de intelectuais vindos não só do Brasil, mas também de países da América Latina, da Europa e do Continente Africano.

A esse encontro, não faltou o colorido feminino, enchendo de risos e perfumes as belas e largas avenidas recém-rasgadas no solo do planalto imenso e virgem, bem como a palavra e a ação das mulheres que se dedicam à literatura, à ciência e à arte.

Que foram fazer em Goiânia tantas mulheres, ao lado de figuras eminentes como a do historiador Mário Melo, do indianista Nunes Pereira, do escritor Orígenes Lessa, do cientista Mario Schemberg, do cineasta Lima Barreto, do romancista Jorge Amado, do pintor Eduardo Alvim Correia, do compositor popular Lupicínio Rodrigues, dos poetas Ascenso Ferreira e Pablo Neruda e de religiosos como o padre Públio Calado e aquela figura misto de sacerdote e de artista, que é o padre Nazareno Gonfaloní?

Eram, talvez, dezenas de mulheres, cujas vozes suaves mas enérgicas ergueram-se para dizer de suas aspirações e de seus trabalhos, daquilo que lhes falta e daquilo que lhes é devido como mulheres e profissionais, para que possam cumprir plenamente os seus encargos e deveres.

A jovem médica cearense expôs em plenário as condições precárias de existência dos médicos da terra de Iracema. Disse das suas necessidades materiais e profissionais; por sua boca falou toda a classe médica, que há anos vem lutando pela conquista de um padrão de vida compatível com as exigências profissionais.

Eunice Catunda, a pianista e compositora laureada, não abordou assuntos do atonalismo ou outras teorias musicais discutidas. Como compositora e intérprete, e sentindo que a arte é o grande elo de comunicação com o público, defendeu para o artista o direito inequívoco de poder adquirir as partituras e instrumentos musicais por preços não proibitivos como os da atualidade. Citou a pobreza do mercado musical, o que ocasiona o desconhecimento por parte do público e a impossibilidade por parte do artista de conhecer e de interpretar as grandes composições dos mestres famosos. O intercâmbio cultural e a liberação, no mercado, não só de instrumentos musicais, mas também das partituras, são fatores decisivos para a difusão da música entre as amplas massas da população.

Djanira, a premiada e querida pintora primitiva, cujas telas enchem de encanto velhos e crianças, unindo-os no mesmo sonho de beleza, não procurou discutir os problemas do realismo socialista, que viu e sentiu em sua recente viagem à União Soviética: em nome dos artistas plásticos reivindicou que as telas, as tintas e os pincéis fôssem postos ao alcance dos pintores, que já os não podem adquirir pelo seu alto preço de custo. Falou sobre a necessidade de ser regulamentado o direito autoral dos artistas plásticos e sobre a necessidade do intercâmbio cultural entre artistas de todas as escolas e de todos os povos.

Lila Ripoll, a grande e lírica voz da poesia nacional, arrancou prantos da assistência narrando, na qualidade de professora, críminosos fatos verídicos e dolorosos vividos por crianças e ocasionados pela leitura das tão combatidas histórias em quadrinhos.

Dois flagrantes do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais: nas fotos, vemos a pianista Eunice Catunda, falando numa das reuniões plenárias; à direita, um dos instantes mais belos do Congresso: o da festa de encer-

Moças estudantes goianas fizeram ouvir a sua voz adolescente reclamando o sagrado direito de estudar, a instalação de maior número de escolas e a criação da Universidade do Brasil Central.

Secundando todas essas vozes femininas, as artistas presentes encheram de beleza os espetáculos em que tomaram parte: Margot Lóiola, a inconfundível intérprete do folclore chileno, deixou inesquecível recordação de seu talento, Stelinha Egg e Vanja Orico com suas vozes inconfundíveis e bem brasileiras, Maria Dela Costa e Glaucete Rocha revelando os seus temperamentos de artistas conscientes, bem como as pianistas Eunice Catunda e Ana Stela Schik, em recitais corretos, contribuíram para que o Congresso de Goiânia fôsse a mais alta expressão da cultura já realizada em solo brasileiro.

Também estiveram presentes, prestigiando-o e concorrendo para o êxito desse encontro de arte e de cultura, as jornalistas Ivonne Jean e Jurema Ferreira, a escultora Tereza Damico, a educadora e jurista Maria Amália Teixeira, a pintora Sílvia Chalréo, a radialista Geni Marcondes, a ceramista Cleuza Deveza, a poetisa Antonieta Dias de Moraes e tantas outras, cujos nomes não foi possível reter, mas cuja participação contribuiu para o brilhantismo daquela esplêndida festa de arte em pleno coração do Brasil.

O Congresso aprovou as seguintes resoluções:

1) Afirmamos que o povo brasileiro possui uma cultura nacional característica e vigorosa, suscetível de desenvolvimento ilimitado, que deve ser preservado das influências desvirtuadoras que a ameaçam;

2) Afirmamos que o intercâmbio cultural com todos os povos é um fator básico de enriquecimento da cultura brasileira, além de contribuir para criar relações amistosas entre todos os países e por isso deve ser cada vez mais intensificado, sem restrições ou discriminações;

3) Afirmamos que a defesa das liberdades democráticas é condição indispensável ao desenvolvimento da cultura e repudiamos todas as leis que restringem as garantias democráticas;

4) Reclamamos condições dignas de vida e meios materiais necessários à expressão e divulgação do pensamento e da cultura".

ramento — quando tomaram parte na mesa as atrizes cinematográficas Maria Dela Costa, Vanja Orico, Glaucete Rocha e a folclorista Stelinha Egg.



NA FESTA DE CULTURA DE GOIANIA



Fundada a Liga da Emancipação Nacional

Para Defender a Independência e o Progresso do Brasil

MIL e duzentos espectadores, representações de 13 Estados, generais, coronéis, deputados federais e estaduais. Prefeitos, presidentes de Câmaras Municipais, vereadores. Donas de casa, médicos, professores, desembargadores. Advogados, jornalistas, comerciantes. Camponeses e operários, industriais, pequenos proprietários. Uma verdadeira amálgama de classes e camadas sociais. Eram estas a assistência e a direção do conclave, que se reuniu na Associação Brasileira de Imprensa, de 2 a 5 de abril. Os temas mais importantes e os problemas mais candentes da vida nacional foram debatidos durante esses três dias, em 166 teses na CONVENÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL.

O apelo lançado há alguns meses pelos nomes mais representativos dos círculos políticos e patrióticos do país estava plenamente vitorioso ao se instalarem os trabalhos do conclave.

Seus resultados foram concretizados em resoluções que a assembléia considerou históricas e na criação de um organismo permanente — A LIGA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL — encarregado “de coordenar todas as forças que desejam congregar-se em torno dos objetivos preconizados na Carta da Emancipação Nacional”.

Nesta Carta — o documento mais importante aprovado pela assembléia, encontram-se reunidas as aspirações e necessidades urgentes de todos os setores do povo brasileiro, que sofrem com o atual estado de coisas. E as reais aspirações de democracia e liberdade, independência e progresso, de defesa de nossa soberania nacional, ameaçada — como constatou esta variada assembléia — pelo imperialismo norte-americano.

A CARTA constata que a vida do povo brasileiro se torna cada vez mais insuportável; que a indústria nacional não pode desenvolver-se e que é necessário defendê-la da ação nefasta dos trustes e monopólios; que é necessário construir a indústria pesada, sem a qual não há independência econômica.

E' preciso defender nossas jazidas de petróleo, nacionalizar a sua distribuição, atualmente nas mãos de empresas norte-americanas. E' preciso defender nossas riquezas mi-

nerais e exigir medidas concretas que ponham fim ao encarecimento constante e insuportável da vida, proporcionando aos que trabalham melhores níveis de remuneração.

Diz que o governo não pode furtar-se à responsabilidade por esse estado de coisas e pelo descalabro administrativo, as violências contra o povo e a alienação da soberania nacional, cada vez mais afetada por acordos como o “Brasil-Estados Unidos”.

missões, e bem assim das sessões de instalação e encerramento, foram marcados de episódios tocantes. Ao ser anunciada, na sessão de encerramento, a criação da LIGA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL, um assistente gritou:

— Esta criança que acaba de nascer vai fazer prodígios!

Outro ponto alto do conclave foi o discurso de D. Conceição Rôxo de Oliveira, presidente do Centro das Donas de Casa de Raposos,

presidente de sua comissão e relator de teses — o Dr. Franklin quase arrancou lágrimas dos presentes. Sou um homem simples — dizia ele — que ama a sua pátria e traz a este conclave a sabedoria dos pequenos, dos humildes. Não represento aqui a intelectualidade mineira, a ciência que admiro e venero, mas vos trago outra sabedoria, igualmente nobre e respeitável, a sabedoria da alma e do coração! Srs. Convencionais! relembremos um acontecimento histórico. Fazemos como os revolucionários franceses. Juraram não se separar enquanto não dessem à França uma Constituição. Fazemos também um juramento sagrado, nesta hora solene. Juremos não desanimar e continuar todos unidos até que vejamos o Brasil livre e emancipado! O juramento pedido pelo Dr. Franklin foi depois reafirmado na sessão de encerramento.

AS TESES FEMININAS

As mulheres estiveram representadas na Convenção por delegadas de todos os Estados presentes. A Federação de Mulheres do Brasil apresentou duas teses: 1) — proteção à infância e à maternidade; 2) — luta contra a carestia. Ambas foram aprovadas em resolução especial. D. Elvira Lacerda, na sessão de instalação, falou em nome das mulheres brasileiras. Assinalou a necessidade do congelamento dos preços, o que foi aprovado pela Convenção.

OUTRAS RESOLUÇÕES

A assembléia analisou a posição do Brasil na recente reunião interamericana de Caracas. E votou uma moção de repúdio à atitude da delegação brasileira, que fere os brios nacionais. Em contrapartida, dirigiu à Guatemala uma saudação, pela atitude viril que assumiu este país, falando em nome de seu povo e pela dignidade dos povos da América. A Assembléia aprovou também uma proclamação eleitoral, que pode ser assim resumida: escolhemos representantes de qualquer partido que tenham se pronunciado pelo Brasil. Derrotemos os entreguistas, elejamos os patriotas!

★ ESTA CRIANÇA QUE ACABA DE NASCER VAI FAZER PRODÍGIOS

★ D. CONCEIÇÃO RÔXO DE OLIVEIRA COMOVEU A ASSEMBLÉIA

★ CARTA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL — APROVADA SOB A ÉGIDE DE TIRADENTES E DOS GRANDES VULTOS DO NOSSO PASSADO

★ A CONVENÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL TOMOU RESOLUÇÕES QUE A ASSEMBLÉIA CONSIDEROU HISTÓRICAS

Devemos comerciar com todos os povos do mundo — acrescenta — e defender as liberdades constitucionais e os direitos do homem. Sem liberdade não é possível defender os interesses do povo e a honra nacional.

FLAGRANTES DA CONVENÇÃO

Nossa reportagem acompanhou os trabalhos da convenção, e ali viu refletidos o mais vivo entusiasmo patriótico e o mais sincero desejo de colaborar na grandeza e salvação da Pátria, cujos destinos perigam nas mãos dos atuais governantes. Os trabalhos do plenário e das co-

Minas Gerais. De maneira simples e comovente relatou o sofrimento do povo de sua cidade, constituído de mineiros que perdem a saúde e o vigor depois dos trinta anos, arrastando uma invalidez que se torna ainda mais triste pela miserável pensão que recebem. “Eu e minhas vizinhas temos de esconder nossos filhos para que não ouçam o pregão dos vendedores de gulodices, porque não temos dinheiro para comprá-las!” D. Conceição arrancou os mais vibrantes aplausos da assembléia.

Outra atuação marcante foi a do Dr. Franklin Reis, velho doutor mineiro. De cada vez que se dirigiu aos convencionais, — como

“ESTAMOS EM UMA ASSEMBLÉIA DE HOMENS LIVRES QUE LIVRES QUEREM VIVER”.

— palavras do Deputado Vieira de Melo, Presidente da Convenção. Nas fotografias: aspectos do conclave.



Cuidados com o Guarda-Roupa

Tôda dona de casa deve dedicar um dia da semana para a lavagem e o reparo da roupa, consertos e serzidos, para pregar os botões, etc. Evitam-se assim atropelos e dôres de cabeça ao vestir-se para sair ou quando o marido ou os filhos procuram suas roupas.

Os armários e guarda-roupas devem ficar abertos de vez em quando, para arejar. Evita-se assim o ataque das traças. É indispensável também colocar naftalina dentro deles.

Não deixe sua roupa de verão misturada à de inverno. Faça sacos de fazenda, fechados com um "éclair" e coloque uma alça para pendurá-los nos cabides. Nêles conserve suas roupas melhores.

O brilho da roupa preta desaparece facilmente se esfregarmos a parte lustrosa com pó de café. Deve ser passada depois a ferro, com um pano úmido.

As roupas de lã ou flanela ficam sempre brancas se acrescentarmos amônia à água em que forem lavadas.

Para remover manchas de ferrugem na roupa branca, mergulhe a parte manchada numa vasilha com água quente e acrescente sal em quantidade. Se a mancha não sair vá renovando a água e o sal.

As peças íntimas, de seda, devem ser lavadas com água morna e sabão em flocos. Não devem ser torcidas nem batidas. Enxague-se e esprema-as levemente.

O rayon e outros tecidos sintéticos devem ser lavados com água morna e passados com ferro não muito quente.

Para perfumar a roupa use folhas de papel impregnadas de uma essência preferida.

DECO RA ÇÃO



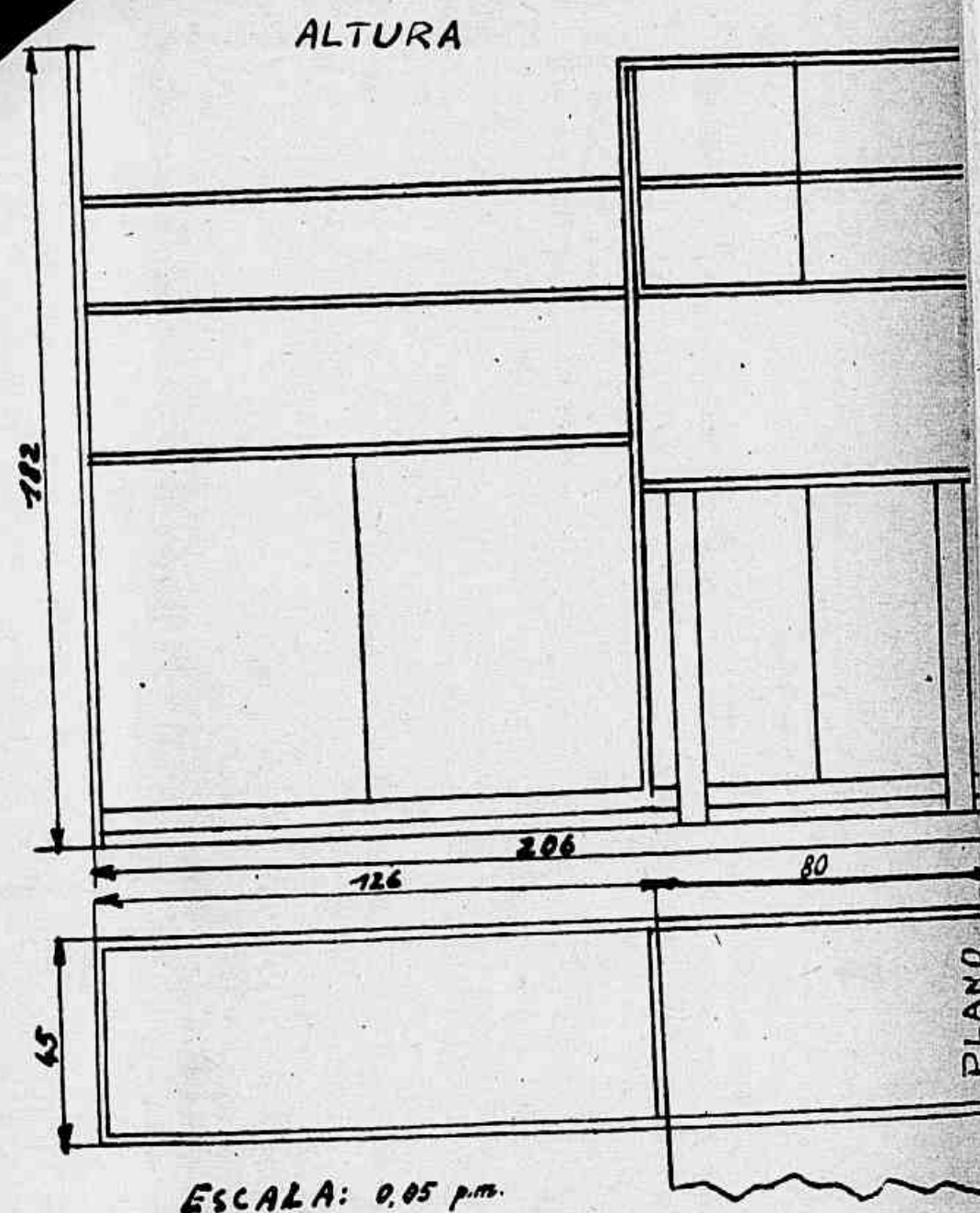
O móvel que apresentamos às nossas leitoras pode servir ao mesmo tempo de prateleira, biblioteca, mesa e cômoda.

Como fabricá-lo?

O corpo principal é formado de duas vigas de madeira de 1.82 m. de altura, 0.45 de largura e 0.03 de espessura. Uma viga central separa a biblioteca do armário de louças.

Em baixo, em todo o comprimento, separado por uma prateleira, você terá um local para guardar objetos e roupas. Essa parte levará portas que podem ser corrediças.

A mesa é constituída de uma prancha móvel que, uma vez levantada e com os pés dobrados, fechará o armário das louças.



FAÇA DE SEU LAR UM AMBIENTE AGRADÁVEL

Embora modesto, seu lar pode tornar-se um local agradável e acolhedor. Alguns arranjos e modificações simples e práticas podem fazer milagres.

Os móveis devem ser arrumados com equilíbrio, estudando-se a área de maneira a não dificultar a circulação. De preferência, não deixar nada no meio da sala.

Prateleiras ou pequenos armários pendurados nas paredes, dão ótimos arranjos. Além de enfeitar, podem servir para guardar louças e objetos. Em cima, coloca-se livros, vasos com plantas, bibelôs.

Um gavetão preso à cama, servirá para guardar roupa.

Se você tem um sofá-cama, faça uma capa com babados, arranje almofadas forradas do mesmo tecido. Uma mesinha ao

lado, com um abajur, um vaso de flores completarão esse cantinho agradável.

Se em sua sala há muitas janelas juntas, faça uma só cortina ampla para todas elas.

Aproveite a parte inferior da pia do banheiro para fazer um armário ou depósito de roupa suja. Mande fazer prateleiras para objetos de toilette, com um espelho, que colocará na parte superior.

Pequenos enfeites dispostos de maneira inteligente, um quadro numa parede, bibelôs simples e de custo acessível, vasos com plantas, podem dar à sua casa um aspecto interessante e um toque muito pessoal.

Modelos para a sua menina —

Oferecemos as sugestões acima, práticas e interessantes. O vestidinho estampado pode ser confeccionado com um vestido antigo da leitora. Completa-o uma barra de fazenda branca, empregada também no bolero que a menina usará se estiver esfriando.



PARA OS DIAS MAIS FRIOS o "tailleur" é o que há de mais prático. O modelo do lado pode ser realizado em cambrá de lã ou gabardine.



PARA AS NOIVAS DE MAIO — Vestido de noiva de fácil execução e um lindo e singelo "bouquet" para completar a "toilette" do grande dia.

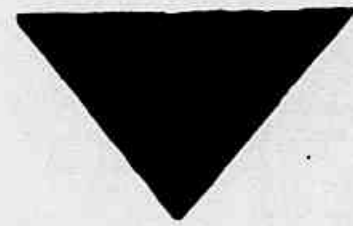
MADRINHA DE CASAMENTO

DE VERNON

O vestido da madrinha de casamento é sempre um problema para aquela que é convidada a desempenhar tão lisonjeira função. É preciso que se apresente elegante, muito elegante mesmo, para abrilhantar a cerimônia, mas, ao mesmo tempo, deve ser discreta, pois no final de contas, a principal personagem é a noiva e não pode ser ofuscada...

Quando se trata de um casamento simples, um vestido mais requintado de rua serve, desde que seja acompanhado de um chapéu elegante e de bonitos acessórios. Neste caso, os tecidos aconselháveis são o shantung, o tafetá ou a seda estampada.

Para as cerimônias mais imponentes, a madrinha deve escolher um vestido comprido, escuro ou de tom neutro. Pode ser ele discretamente ornado de bordados em lantejoulas ou pedrarias, ou também de renda, ideal para este gênero de "toilette". O chapéu diminuído é, naturalmente, de praxe, e sem ele nenhuma "toilette" de madrinha estaria completa. (Transworld)



MOMENTO POLÍTICO

EM Caracas, Venezuela, realizou-se a "X Conferência Interamericana", na qual tomaram parte representantes dos governos dos vários países americanos. Como sempre, os Estados Unidos, através do Sr. Foster Dulles, deram ordens e a maioria curvou-se às imposições norte-americanas. Mas houve uma reação espetacular da Guatemala, que respondeu negativamente a todas as proposições visando ao atraso econômico da América Latina, e à intervenção nos assuntos internos dos países do Continente.

Como se sabe, a pequena Guatemala deliberou recentemente confiscar o poderoso truste norte-americano "United Fruit Co.", que dominava praticamente toda a economia do país. Essa corajosa atitude provocou forte reação dos Estados Unidos, que passaram a chamar de comunista o governo guatemalteco.

Assim, pois, a nota de destaque na X Conferência Interamericana foi a desassombrada atitude do Embaixador Torriello, representante da Guatemala, que votou contra a proposta norte-americana de intervenção aberta nos assuntos de outros países.

O Brasil, representado na pessoa do Sr. Vicente Ráo, limitou-se a dizer amém a todas as proposições ditadas pelos Estados Unidos.

O Senador Mozart Lago, do P. S. P., declarou que vai apresentar emenda, em favor da legalidade do Partido Comunista do Brasil, a um projeto que dá providências contra a fraude nas eleições.

EM Sevilha, milhares de estudantes realizaram manifestações de rua, derrubando bondes e mantendo choques com a polícia, em sinal de protesto contra o aumento de 30% nas mensalidades. Foram presos 20 estudantes.

REALIZARAM-SE eleições na URSS, da qual participaram 602 milhões de habitantes, ou seja 120.321.192 pessoas.

NO Rio de Janeiro trinta e nove civis e militares, acusados de supostas atividades subversivas na 1ª Região Militar, foram absolvidos, sendo 28 por maioria de votos e os demais por unanimidade. O julgamento durou 28 horas, tendo sido muito movimentada a sessão.

A pianista Sulla Jaffé foi impedida de ir aos Estados Unidos para uma "tour-née" artística. A Embaixada americana informou-lhe que havia dado aulas na Universidade do Povo, fato que a pianista desconhecia...

NA Coreia do Norte foi aprovado um plano trienal de reconstrução. O plano prevê um aumento de 60% da produção industrial, halva dos preços dos produtos industriais, instalação de uma fundição de

coque, aumento de 100% na produção mineira, de 43% da produção agrícola, 82% da produção de algodão e 113% da produção de tabaco, a construção de uma ferrovia eletrificada, construção de 33 cinemas e 11 teatros etc.

MAC CARTHY, o inquisitorial senador americano, foi considerado inimigo público n. 1 pelo representante democrata Tom Steed. Este lembrou ainda que Mac Carthy fora a única pessoa nos Estados Unidos a defender os alemães executados durante a última guerra pelos massacres cometidos.

O redator-chefe do "Sank Prairie Uter", Leroy Gore, obteve 125 mil assinaturas numa lista solicitando a revogação do mandato de Mac Carthy. Numa população de 160 milhões, 30 milhões já passaram pela inquisição macarthiana...

O Marechal Juin, vice-presidente do Conselho Superior da Defesa Nacional, foi destituído de suas funções por haver tomado posição contra a Comunidade Européia de Defesa e por ter criticado o exército francês. O governo qualificou de indisciplina a atitude do marechal, o que causou seria crise política na França.

O filho do Ministro das Relações Exteriores da Itália, Piero Piccioni, foi apontado como assassino de Wilma Montesi, fato ocorrido no ano passado. O escândalo, abafado durante muito tempo pela polícia italiana, surgiu agora, revelando que Piero Piccioni fazia parte de uma quadrilha de traficante de entorpecentes, responsável pelo desaparecimento de várias mulheres.

UMA explosão atômica realizada nas Ilhas Marshall pelo Exército norte-americano, provocou 310 vítimas dentre as quais 23 pescadores japoneses e observadores americanos. O fato ocorreu recentemente, tendo provocado protestos violentos no Parlamento japonês. Os Srs. Melvin Price (democrata de Illinois) e James Van Zandt (repblicano da Pensilvânia), pediram a abertura de um inquérito no Congresso norte-americano a fim de apurar as responsabilidades pela experiência termonuclear, cujas consequências são ainda imprevisíveis. Organizações pesqueiras japonesas exigiram que seja apresentado o mais enérgico protesto ao governo de Washington contra a explosão atômica que provocou o pânico em toda a região atingida.

O Ministro dos Transportes do Japão, Mitio Ishii, declarou na Dieta que o navio atingido pelas cinzas radioativas encontrava-se fora da chamada "zona perigosa", a uns 165 quilômetros da explosão.

Certos círculos científicos norte-americanos julgam possível que a bomba de hidrogênio, detonada no dia primeiro de março, tenha ultrapassado em violência as previsões dos cientistas que a prepararam.

Os pescadores atingidos por fortes queimaduras e queda dos cabelos, declararam que cinzas radioativas tinham caído sobre o seu barco sete horas depois que viram o fulgor da explosão da bomba H.

O Dr. Masao Tsuzuki, professor da Universidade de Tóquio e o Dr. Kentaro Suzuki declararam perante um congresso médico que, embora os pescadores atingidos não estejam em perigo de morte, estão sujeitos a lesões cancerosas devido ao "Strontium 90" encontrado nas cinzas radioativas. Esse elemento permanece ativo durante vinte anos.

Cinzas radioativas, quinze dias depois da explosão, caíram em território japonês, estadunidense e mexicano.

Protesto em nome dos povos contra a bomba H

Neste momento em que a humanidade assiste estarecida às experiências atômicas feitas pelos norte-americanos, o Conselho Mundial da Paz mais uma vez toma posição e convoca uma sessão extraordinária para fins de maio, em Berlim.

Em sua proclamação o Conselho Mundial da Paz salienta o perigo que representam para todos os povos as explosões das bombas de hidrogênio; a extensão da guerra no Vietnam; a pressão exercida sobre os países da América Latina e do Médio e Próximo Oriente, com fins de intimidação. A remilitarização do Japão, o recente estabelecimento de bases americanas na Espanha, os projetos de Acôrdo militar com o Paquistão, tendem a pôr os povos diante de fatos consumados.

A opinião pública pode derrotar a Comunidade Européia de Defesa, pode impor o restabelecimento das conversações em Berlim para que seja encontrada uma solução pacífica para o problema alemão, pode exigir e manter a interdição da arma atômica, pode exigir e obter o respeito à independência nacional de cada país, o restabelecimento do intercâmbio econômico e cultural entre todos os países.

O Birô do Conselho Mundial da Paz faz um apêlo especial aos povos da Europa no sentido de que derrotem a Comunidade Européia de Defesa, a fim de que a Europa não continue dividida em dois campos hostis. A C.E.D. é uma ameaça de morte sobre cada habitante da Europa.

O Conselho Mundial da Paz conclui seu apêlo dizendo: "A despeito das diferenças de regimes políticos e sociais, todas as nações da Europa possuem interesses comuns: preservar a paz para cada um e desenvolver a colaboração econômica e cultural entre elas."

O povo precisa lutar contra a miséria - Como se vive em Joazeiro

De nossa leitora e amiga Sebastiana Severino Sobrinho recebemos uma carta relatando a situação das famílias pobres de Joazeiro do Norte, Ceará. Afirma ela que um trabalhador do campo, quando encontra trabalho, ganha Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) por dia. Os preços dos gêneros de primeira necessidade sobem dia a dia. Atualmente a carne está a Cr\$ 20,00 o quilo, toucinho a Cr\$ 20,00, banha a Cr\$ 40,00, arroz a Cr\$ 9,00, café a Cr\$ 40,00, sabão a Cr\$ 7,00, açúcar a Cr\$ 5,00, leite a Cr\$ 4,00 o litro. Diz a carta: "Como é que um pai de família, ganhando Cr\$ 10,00 por dia, pode sustentar a família? Cada dia que passa aumenta a fome, a miséria e o desemprego. Quando um pobre adoecer, morre à míngua. Em Joazeiro existe um posto médico que não tem remédios. O médico receita, em geral, sal amargo e óleo de mastrução... Quando uma pessoa está em estado grave e tem algum dinheiro, vai para o hospital de Crato e quando é pobre, morre à míngua."

Continua D. Sebastiana dizendo que a população local começa a compreender que não pode ficar de braços cruzados diante dessa situação. A carestia, a seca, a miséria, as doenças, podem ser vencidas se houver uma forte união entre as vítimas dessa situação de descalabro do governo.

Termina a carta, dizendo: "Precisamos unir-nos contra essa situação de fome e miséria, em defesa dos nossos irmãos flagelados, por uma vida melhor para os nossos filhos."

Vão se reunir os "Barnabés"

A União Nacional dos Servidores Públicos que congrega os funcionários de todo o Brasil, convocou um Congresso Extraordinário para traçar a reivindicação de novo aumento geral de vencimentos e salários.

A campanha abrange os funcionários federais, estaduais e municipais e visa obter, no mais breve prazo, um aumento de vencimentos para fazer face ao constante aumento do custo da vida.

A U.N.S.P. já elaborou a nova tabela de vencimentos e salários na qual propõe aumentos que vão de 300% para as referências de 1 a 5, a 22% para o padrão "O".

ORGANIZEMOS CURSOS DE ALFABETIZAÇÃO

NÃO é novidade para ninguém o alto índice de analfabetismo no Brasil. As instituições oficiais são absolutamente insuficientes para resolver tão sério problema, principalmente porque não querem resolvê-lo.

Agora que as eleições se aproximam, sentimos com mais agudeza o problema, pois, como se sabe, em nosso país os analfabetos não votam, apesar de representarem a maioria esmagadora da nação.

Eis por que sugerimos às nossas leitoras e amigas que organizem, onde e como puderem, pequenos cursos de alfabetização de adultos, a fim de que possa votar o maior número possível de cidadãos.

Cada pessoa alfabetizada representa um soldado na luta pelo progresso. Não esqueçamos que cada pessoa culta significa uma defesa contra os demagogos e charlatães de tôdas as horas e de vésperas de eleições.

E' dever de toda pessoa alfabetizada ensinar a ler e escrever àqueles que não sabem.

O voto não é só um direito, é um dever. Precisamos desde já preparar o maior número de pessoas para as eleições de outubro a fim de levarmos às Câmaras Federal, municipais, estaduais e ao Senado, cidadãos honestos, capazes de bem cumprir sua missão e conhecedores dos problemas do povo brasileiro.

"**MOMENTO FEMININO**" colabora no sentido de pôr em prática pequenos cursos de alfabetização, publicando, a partir deste número (vide página 24), aulas simples que poderão ser ministradas por qualquer pessoa que saiba ler.

Amigas, não há tempo a perder! Não há barreiras contra a força de vontade!

Coisas que acontecem



● **A QUE SAIU TOSQUIADA** — Na foto acima, Mme. Mustafa el Nahas, esposa do ex-Primeiro Ministro do Egito que, em poucos anos conseguiu transformar os modestos haveres de seu marido numa das fortunas mais colossais do Oriente, através das mais espantosas e mirabolantes negociações.

Agora, após 14 dias de julgamento no Tribunal Revolucionário, Zizi, como é conhecida a aventureira, teve confiscada toda a sua fortuna e a de dois dos seus irmãos que a ajudavam nas transações. Por estar atacada de forte crise nervosa, Zizi teve licença para não assistir ao julgamento, e ficou aguardando o resultado no seu fabuloso palácio, que também foi confiscado.

Quantas "Zizis" soltas por este mundo afora, precisando ser julgadas!



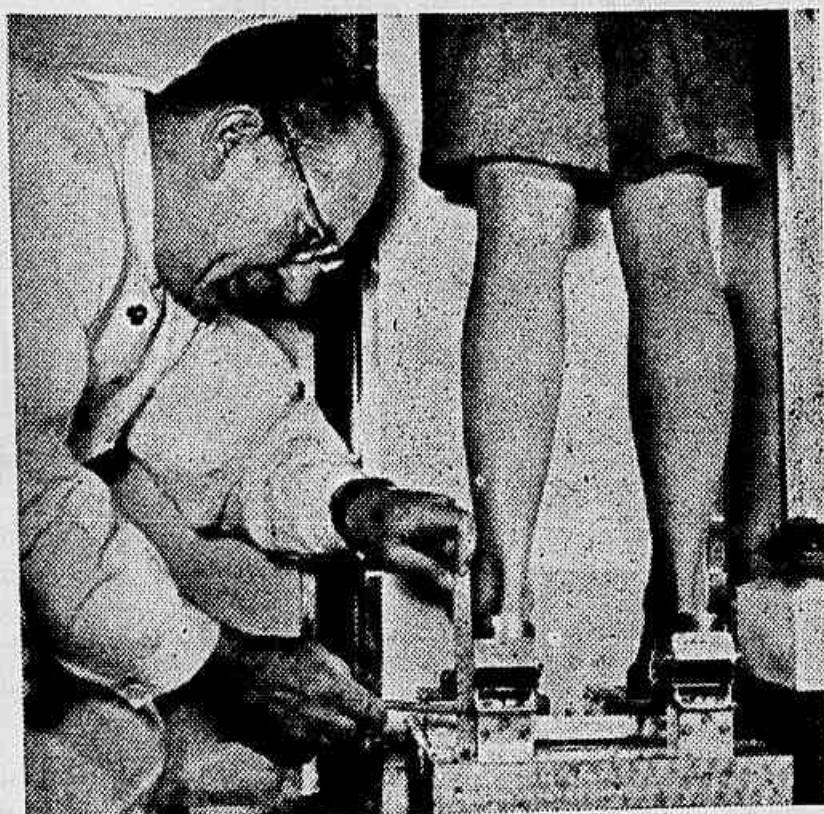
● **O BEBÊ NÃO DORME** — Esta criança, nascida há 14 meses, de pais operários na aldeia de Roveto, Itália, é absolutamente normal, exceto sob um aspecto: Não dorme!

Conta sua mãe que, ao nascer, o pequeno Gualtiero Dapore dormia as horas de costume, mas pouco a pouco seu sono diminuiu a tal ponto que, atualmente, fecha os olhos durante apenas 30 minutos por dia. O caso tem despertado a curiosidade de grande número de médicos pois, ao contrário do que se deveria esperar, o menino está se alimentando e desenvolvendo como qualquer outra criança da sua idade.

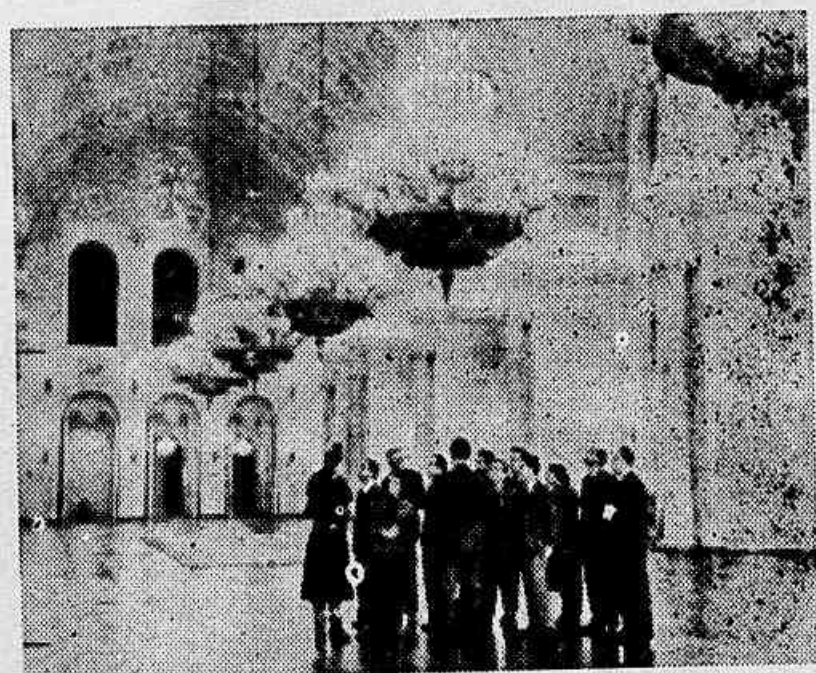


● **AS MULHERES E OS SALTOS** — Em Berlim, um ortopedista, Walter Assmann, idealizou e construiu esta máquina para determinar a altura dos saltos que cada

mulher deve usar. Afirma Assmann que as dores nos pés de que se queixam tantas mulheres são causadas por saltos impróprios. A máquina determina exatamente os saltos que cada uma deve usar de acordo com seu peso, estatura e músculos das pernas.



● **ITALIANOS NO KREMLIN** — Nesta foto, uma delegação comercial italiana visita o Kremlin, sede do governo soviético, considerado um dos edifícios mais sun-



tuosos do mundo. Este salão, onde antigamente se realizavam os bailes da Rússia czarista, chama-se "de São Jorge".

Quando veremos uma fotografia semelhante com um grupo de brasileiros tratando de estabelecer relações comerciais, de que o Brasil tanto necessita, mas que "forças misteriosas" procuram impedir?



● **DE MATÉRIA PLÁSTICA** — Uma nova marca de carros franceses, "Symetric" foi apresentada na Exposição Automobilística de Paris, onde causou sensação. A carroceria é inteiramente de matéria plástica, e seu formato permite a oito pessoas sentarem-se confortavelmente nos seus dois bancos.



O Carvoeiro

(Conclusão da pág. 4)

começaram, então, a tapá-las com terra. Todos trabalhavam e era um trabalho exaustivo, estafante. O calor subia daquela terra úmida: vinha um bafo quente como se fôra de água fervida. Anastácio suava, cansado, olhava os filhos: até o pequerrucho de dois anos trabalhava, jogando torrões no brasedo. A mulher via aquela faina: as crianças correndo, cavando a terra, às vezes com as próprias mãos. E tinha no rosto um traço de ansiedade. Sentia-se culpada, não podia ajudar, era um traste inútil. Então apertava nos braços o recém-nascido, procurando consolo.

Era tarde quando o trabalho terminou. Ainda não tinham aparecido estrelas no céu. Porém, o sol já se fôra. No luar onde Anastácio cavara, via-se agora uma elevação, como se fôsse um túmulo de gigante. E ele pensava: é o túmulo do angico. E depois, em voz alta, para dizer alguma coisa, voltou-se para a mulher:

— Acho que o carvão vai ser bom...

— Vai, sim...

Ficaram em silêncio, cansados, olhando aquele imenso túmulo negro que encerrava o pão dos dias que estavam por vir.

VI

ANASTÁCIO pulou da cama bruscamente e abriu a janela. Não, não fôra engano. Era a pura verdade. Naquele instante pensou que fôsse sonho, porém, agora via que não. Era a verdade. Ficou olhando a noite, escura e sem estrelas. Depois suspirou profundamente e acendeu o lampião. Pedrinho levantou-se e veio ficar a seu lado, olhando pela janela aberta. Depois levantou-se a mulher, a filha menor, os outros filhos, até o pequenino — de dois anos — que nada entendia, mas ali ficava, junto aos pais, olhando com espanto aquela tristeza. Anastácio sacudiu a cabeça lentamente e murmurou:

— Que barbaridade... logo hoje...

A mulher estava pálida, cheia de susto. Porém, tentou animá-lo:

— Pode ser que passe...

— Não. Não passa. Eu sei. É para hoje... Que desgraça...

Ficaram em silêncio durante muito tempo. O trovão tornou a ribombar, agora mais perto. Um corisco rasgou o céu; e a mata, agressiva, apareceu e desapareceu. Um vento ligeiro soprou, trazendo consigo um gosto de terra molhada. O céu cobria-se de nuvens pesadas.

Então Anastácio abriu a porta e saiu correndo como louco. Seus cabelos voavam e ele aparecia quando os relâmpagos iluminavam a terra e os raios faziam brilhar a folha da pá que ele erguia na mão direita. Os filhos corriam atrás e o peque-

CARTAS DO RIO (Conclusão da pág. 5)

O encantamento prossegue. Botafogo, de lindo jardim selvático, sob os braços do Cristo do Corcovado. A Urca, estirada aos pés do Pão de Açúcar. O Morro da Viúva do lado de cá, com as águas azues embalando os edifícios imensos dos granfinos e das embaixadas. Flamengo e sua praia democrática. Vai e vem incessante de automóveis — coisa de fofear. A cidade formigando, gente como num dia de Carnaval na rua do Comércio, lá na terra dêles.

O encantamento varou o tempo. Depressa eram 5 horas.

Lembraram-se de voltar e procuraram o bonde. Mais democrático e mais barato. Ai também os esperava uma surpresa: o bonde que tinham visto passando rápido em Botafogo, na cidade, àquela hora, virara uma enorme tartaruga e exibia gente sentada e gente de pé, gente no estribo e até pendurada na trazeira. Um horror! — pensaram abismados e foram a procura de um ônibus. Ai vinha um. Servia. Aproximou-se e tentaram entrar. Pessoas se empurravam para tomá-lo.

A surpresa desagradável se repetiu: no ônibus gente sentada e gente de pé, fazendo economia da menor parcela de espaço. Tiveram uma euforização só de pensar em subir, para uma viagem de pelo menos uma hora.

Espantados, olharam-se. E resolveram-se por um lotação, pequenos ônibus muito caros. Mas estavam cansados, valia o sacrifício. Fizeram sinal. Todos traziam uma luzinha vermelha — LOTADO. Nos que não tinha sinal o motorista abanava as mãos, negativamente.

Que fazer? Nem um banco. Durante 40 minutos ergueram mãos aflitas para os lotações. O calor sufocava e a fome tomava conta dos estômagos. Ansiedade. Foi então que roucou o trovão e uma chuva benfazeja desabou sobre seus ombros desprevenidos. Notaram então que lá longe, junto à amurada, uma floresta de jornais e uns poucos guarda-chuvas cobriam uma fila infundável, que esperava lotações e ônibus. E um gaiato, passando ao lado dêles, comentou: — Felizmente! hoje vai haver água lá em casa...

E foi assim, cara amiga, que eles travaram conhecimento com a Cidade Maravilhosa. Se lhe conto isto, não é para que você desanime. Conheça a sua coragem. E' porque eles passaram por esse desprazer e algumas coisas mais, que lhe digo na próxima carta. Abraça-a

ZENI

nino foi até a sanga, mas não pôde acompanhá-los. Então sentou-se à beira do barranco e, ouvindo o coaxar das rãs, começou a chorar.

Caíam os primeiros pingos d'água, porém os cedros protegiam a terra com suas copas, e só quando o temporal desabou é que a chuva conseguiu penetrar a terra coberta de folhas e galhario seco.

Anastácio chegou à clareira. Chovia torrencialmente, e o túmulo, onde jazia queimado o angico, ia se desfazendo pouco a pouco. A terra solta abria-se em fendas profundas, que se tornavam mais largas, até que os bordos caíam, transformando-se em lodo que a enxurrada, enfim, levava.

O túmulo negro ia desaparecendo. Anastácio largou a pá no chão molhado, depois sentou-se num toro e ficou olhando a terra, que mal aparecia na escuridão.

VII

Q ue as gotas de água eram como estrelas cintilantes — mi- QUANDO amanheceu, os campos e matos pareciam mais vivos lhos de estrelas caídas do céu e brilhando na terra. Anastácio aspirou fundo o ar da manhã e depois voltou-se para a família ao redor. Não faltava nada. Tudo estava pronto, mas continuavam ali, fixos na terra. Os angicos e cedros, impassíveis, moviam lentamente as ramagens que se tornavam mais vivas, parecendo um galhario de prata.

— Vamos...

Pedrinho ergueu a trouxa e caminhou em direção à cerca. O cachorro uivou triste e Anastácio gritou:

— Cala a boca, peste!

O cão, porém, sentou-se nas patas traseiras, olhando o céu com tristeza, e continuou seu lamento doloroso.

Puseram-se em marcha silenciosamente. De quando em quando Anastácio volta-se para a fila, que lhe parece enorme, e grita:

— Anda, peste!

O caminho era estreito, e tinha dois trilhos que os carros haviam cavado na terra. O resto era forrado por extenso macegal, tão alto que até cobria as crianças.

À direita fica o perau, o cêrro enorme em declive, e, lá em baixo, de um azul-escuro, viam-se a terra, o campo, duas casas, tudo minúsculo, diminuído pela distância. Uma das crianças começou a chorar e Anastácio, voltando-se, tornou a gritar:

— Que foi, peste?

Então a mulher, que era tão miudinha, respondeu-lhe com voz sumida:

— Nada... nada... eu levo êle...

E tomou em seus braços, além do pequenino que já levava, a outra criança. Anastácio, ao ver aquilo, condoeu-se. Coçou a barba, voltou ligeiro em direção à mulher e agarrou o filho que chorava.

Haviam parado. Era meio dia. Pedrinho começou a juntar gravetos para o fogo. Um pintassilgo cantou e no matagal ouviu-se um rumor: talvez lebres ou caça mais grossa. Ali não havia cedro nem angico. Era um mato baixo, maceguento e sujo. Pelo caminho viam-se pés de guamirim carregados.

Anastácio sentou-se numa pedra e ficou, pensativo, olhando os filhos. Buscava outro destino —: que destino seria? Assim fôra melhor: deixar a casa antes que o fazendeiro chegasse. Gostaria de ficar, é claro, e dizer-lhes boa verdades. O carvão falhara — como pagaria o arrendamento? Sentia-se isolado e só. Por que? Os homens eram quase todos como êle e poucos como o fazendeiro.

Nisto a mulher bateu-lhe no ombro. Olhou. Ela sorriu — e quando falou, Anastácio arrependeu-se da sua brutalidade.

— Cismando?

— É... cismando...

Aquêle ar carinhoso dava-lhe esperança, uma certeza de que a vida teria outro rumo. Então disse-lhe o que pensava, repetindo palavras que já ouvira:

— Está errado...

— O que?

— Isto...

E sua mão, com um gesto largo, mostrou o horizonte onde apareciam os cerros do chapadão, de um azul puro, quase côr do céu. E a mulher, pensativa, respondeu-lhe:

— O mal é a terra não ser da gente...

Anastácio falou, então, como se fôra para si mesmo:

— E isto que eu vou fazer.

A mulher espantou-se:

— O que?

Êle riu. O rosto largo iluminou-se. Coçou a barba. E explicou:

— Vou pegar um pedaço de terra pra mim.

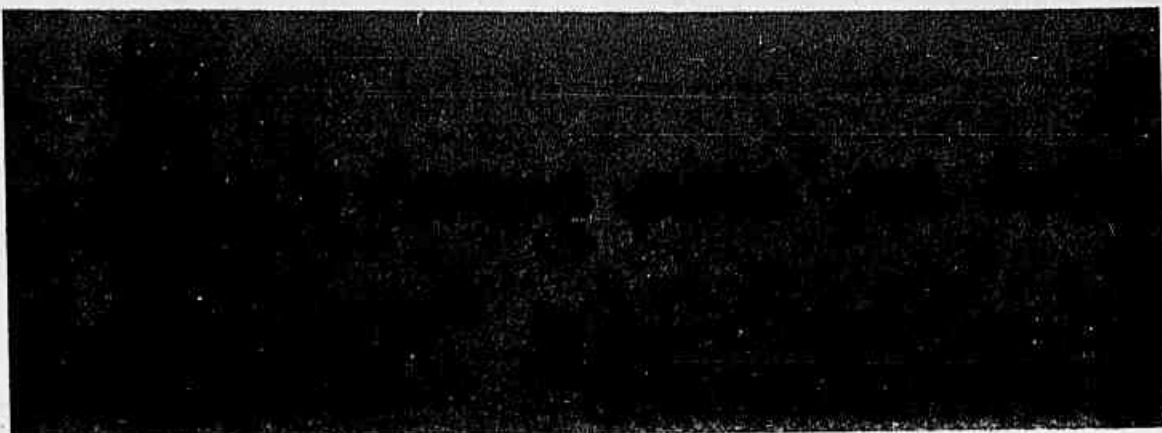
Ela não compreendeu e Anastácio acrescentou:

— É ir pegando no mais. Depois que um arranca outros se vão. É como boi no corredor. Um dispara e lá se vai tudo.

Tornou a rir — ria da idéia que agora imaginava — e disse:

— Como é que o coronel vai se haver com tanta gente?

Então os dois riram às gargalhadas. Não tinham muito saber, nem pensavam bem no que diziam, mas os trilhos da vida se tornavam mais simples: havia tanta terra no mundo — era tomá-la e trabalhar.



LAVE os olhos diariamente com água de rosas ou água salgada morna, movimentando-os circularmente. Se sentir os olhos cansados, procure descansar em um quarto escuro. Se o quarto não for bem escuro, amarre um pano sobre os olhos. Caso observe qualquer defeito de visão ou ardência constante, procure um médico.

Use pouca ou nenhuma pintura para os cílios. Se gostar de um retoque, tenha o cuidado de não ferir os olhos e de que a pintura não penetre na vista.

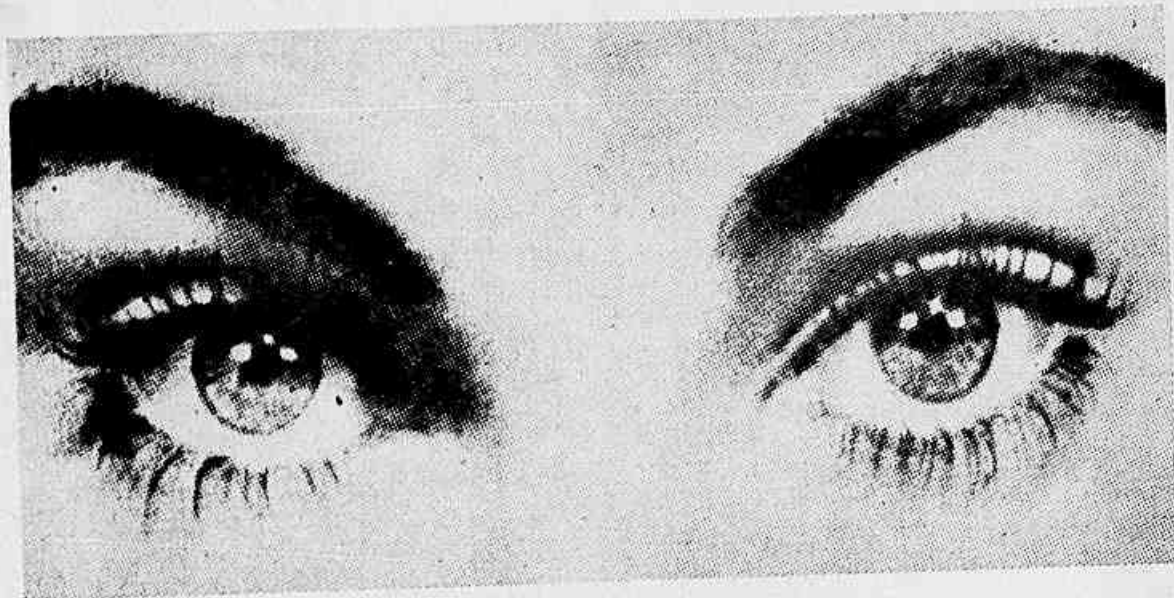
O objetivo da maquiagem é imitar a natureza, acentuando as próprias cores e pondo em evidência a personalidade da mulher.

Não procure transformar as suas feições com excesso de pintura. Faça com que ressaltem os seus traços bonitos e procure disfarçar discretamente o que achar feio.

O essencial de toda maquiagem é manter uma pele boa e limpa, evitando-se sempre pôr uma pintura sem remover a anterior.

Nas peles moças devem ser empregadas as bases líquidas e acima dos trinta anos, as bases tipo creme que dão um aspecto mais macio. Depois de espalhar a base, aplique o "rouge", de preferência cremoso. Tire uma pitadinha de rouge-creme no dedo médio, sorria ao espelho e toque o ponto mais saliente de sua face, espalhando então para trás e para cima, deixando que a cor esmaeaça junto à parte externa inferior dos olhos.

Em seguida, aplique o pó, de acordo com a tonalidade de sua pele, retirando o excesso com uma escovinha própria.



A cor do baton deve ser a mesma do "rouge"; aplique-o primeiro no lábio superior, aperte os lábios de forma que deixe uma impressão no inferior. Desenhe o contorno enchendo as linhas com pinceladas em toda a extensão. Retire o excesso fechando os lábios sobre papel apropriado. Evite forçar a forma de seus lábios com o baton, o que deforma

a fisionomia. Logo depois de ter comido qualquer coisa, verifique o estado de seus lábios. E, lembre-se, minha amiga, sem boa saúde não pode haver beleza. Procure uma alimentação rica em verduras, legumes, frutas, leite e ovos, evitando carnes gordas, conservas e comidas pesadas. Ar livre e muita limpeza são complementos indispensáveis.

ANTES de deitar-se, à noite, remova cuidadosamente toda a maquiagem para evitar que impurezas acumuladas durante o dia obstruam os poros e permaneçam em seu rosto prejudicando sua pele e sua saúde.

Para a perfeita limpeza da pele, proceda assim:

Amarre os cabelos com um lenço, deixando o rosto livre. Aplique então um creme de limpeza, dando leves pancadinhas de baixo para cima fazendo movimentos circulares desde o pescoço até à testa; depois, com papel apropriado, retire o creme. Lave depois o rosto e o pescoço com água morna e um sabonete suave, esfregando levemente a pele com um pedaço de algodão. Use bastante água para remover todo sabão. Por fim, use uma loção tônica ou adstringente. Assim terá a certeza de que sua pele está limpa.

★ A MULHER PARAGUAIA LUTA PARA VER RECONHECIDOS OS SEUS DIREITOS UMA POETISA GUARANI FALA A "MOMENTO FEMININO" ★

JÁ conhecíamos Josefina Heyn de Laguardia desde o ano passado quando realizou conferências no Brasil sobre a situação da mulher paraguaia. Visitou-nos agora para realizar uma exposição folclórica de seu país.

Nessa oportunidade conversamos com a Sra. Josefina, Presidente e fundadora da Sociedade de Assistência Social que presta auxílio às mães desamparadas, às crianças desvalidas e aos encarcerados e suas famílias.

Disse-nos que o Paraguai atravessa atualmente uma situação econômica difícil, o que se reflete especialmente sobre as mulheres e as crianças. As instituições oficiais são insuficientes, razão pela qual existem organizações particulares que procuram auxiliar os necessitados.

Perguntamos se era verdadeira a notícia de que Dalila Soler de Quevedo, representante do Paraguai junto ao Congresso Mundial de Mulheres, realizado em Copenhague, no ano passado, estava exilada na Argentina, impedida de viver em seu país por perseguição das autoridades.

— Sim, é verdade — disse-nos. Há em todo o país um movimento de solidariedade à Dalila e portanto é de esperar-se seu breve regresso à pátria. As mulheres paraguaias confiam na justiça da causa de Dalila.

— Há organizações femininas no Paraguai?

— Sim, várias. A Liga Paraguaia pró-Direitos da Mulher e o Instituto Cultural de Amparo à Mulher, entre outras, estão empenhados em conseguir o reconhecimento dos direitos civis da mulher. Como se sabe, infelizmente, a mulher em meu país não tem direito de voto ou quaisquer outros direitos civis hoje reconhecidos em quase todos os países civilizados. A mulher paraguaia tem os mesmos deveres dos homens mas não têm direitos.

Obdulio Barthe, líder querido do povo paraguaio está encarcerado há anos, incommunicável, sofrendo torturas físicas e morais, como é de conhecimento de todos. Apesar de absolvido na Justiça, continua preso, caso jurídico único, contra o qual se avolumam os protestos das pessoas honestas de todo o mundo.

Perguntamos se podia dar-nos alguma notícia sobre Barthe.

— Soubemos que o presidente da República declarou a uma delegação de brasileiros que visitou o Paraguai a fim de pedir a liberdade de Barthe — composta do Professor Boiteaux, da Faculdade Nacional de Filosofia do Distrito Federal, Dr. Ortiz Monteiro, jurista de São Paulo e Coronel Sá e Benevides — que se a Guatemala confirmasse o oferecimento de asilo, Barthe seria libertado dentro de breve prazo. Isso ocorreu agora e Barthe ganhará a liberdade.

Josefina de Laguardia é poetisa conhecida, possuidora de vários prêmios literários. Grande admiradora do Brasil, escreveu também duas poesias em homenagem ao nosso país, intituladas "Copacabana" e "Canto ao Brasil".

Visitamos demoradamente a bela exposição folclórica onde se viam trabalhos feitos à mão, de cerâmica, barro, palha, rédes, ponchos, bordados, jóias, trabalhos de madeira, tapetes etc. demonstrando arte e bom gosto.

Oferecemos um número de nossa revista à D. Josefina, que declarou:

— Espero que dentro em breve as mulheres do meu país também possam ter sua revista para defender seus direitos como suas irmãs brasileiras.

Despedimo-nos de D. Josefina Heyn de Laguardia, pedindo-lhe que fôsse portadora do nosso mais cordial abraço às nossas irmãs do Paraguai.

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

PSICOTERAPIA E ANÁLISE

PROFESSOR DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Rua Santa Luzia, 732, S. 718 — 7.º and. — Diariamente

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Av. Rio Branco, 277, 9.º andar — grupo 902
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

FONES: 42-6864 e 42-9028

Exceto aos sábados

Pesadelo que precisa acabar

MARÍLIA ALENCAR

MUITA gente, nestes últimos tempos, tem ouvido falar sobre latifúndio. Todos sabem que isto quer dizer uma grande extensão de terra. Mas, os males decorrentes dessas terras nem sempre são bem compreendidos e, mesmo, há quem suponha ser um privilégio de castas a posse do latifúndio.

E' este, aliás, o sentido da carta que nos chegou, de uma nossa leitora do interior da Bahia, ao afirmar que não compreende o sentido desta palavra e nem sabe se trará algum bem ao camponês a extinção ou o confisco do latifúndio, questão em debate nos últimos tempos. Além disso, prossegue a nossa consulete, tôda a minha família, quer dizer, meus avós, meus pais e tios, meus irmãos e primos, penso que desde cem anos vivemos no mesmo pedaço de terra que o senhor delas mesmas nos cedeu. Trabalhamos hoje 12 pessoas da família. Quando nasce uma criança o fazendeiro é logo padrinho e logo sabemos que quando crescer pegará na enxada. Mas, — pergunta a leitora, se o fazendeiro perder suas terras, que será de nós?

Pelo decorrer da carta, vemos que na região citada, não existem escolas, nem centros de saúde, nem comunicação fácil. Vemos que as crianças andam descalças, alimentam-se mal, vestem-se mal, ou mesmo ostentam andrajos. Vemos que a distração é a cachaça e que o salário volta para o fazendeiro em forma das "terças" e dos mantimentos adquiridos no "boteco" do mesmo fazendeiro.

Ora, todos sabem que a situação descrita nessa carta repete-se em quase tôdas as grandes extensões de terra do interior do Brasil, ou mais propriamente, nos latifúndios, isto é, nestas imensas extensões de terra pertencentes a um senhor todo poderoso, que "contrata" os colonos, meieiros, peões, etc., para o trato da terra, sem nada conceder-lhes senão a sórdida palhoça onde vivem e uma parte mínima do produto das plantações.

Evidentemente, a liquidação pura e simples do latifúndio não resolveria, antes agravaria o problema do entre os camponeses sem terra.

A distribuição das terras também só trará resultados benéficos, se o governo, isto é, o poder constituído, comprometer-se a fornecer ferramentas de trabalho, semente e adubos, a sanear a zona, a instalar escolas, vias de comunicações, etc. E' porque não viu o assunto em sua amplitude, que a nossa missivista receia perder o seu "contrato" de escrava no latifúndio baiano.

Enraizada no solo, como se fôsse uma árvore ou fizesse parte da paisagem cacaueteira, convencida de que "pertence" por arte de Deus ou do Diabo ao patrão, de quem recebe, juntamente com mais 12 pessoas da família, a choupana e a cachaça em troca do trabalho consecutivo de 14 horas diárias, sem conhecer outro horizonte senão o que continua a própria fazenda, a querida brasileira que nos escreveu tem medo de palavras novas.

O latifúndio, porém, querida amiga, não nasceu com o aparecimento da terra nem durará por tôda a eternidade. Houve tempo em que a terra era de todos. A guerra, a pilhagem dos jovens continentes como o Brasil, e a ambição desmedida, criaram este monstro que devora milhares de vidas impunemente. Se hoje, a palavra latifúndio anda em tôdas as bocas e em tôdas as consciências é porque já se tornou um pesadelo que é preciso fazer sumir da face da terra.

Os países adiantados já terminaram com esse monstro econômico e social, que é o latifúndio. Só nos países atrasados e o nosso Brasil, infelizmente, ainda está neste rol, mantém ainda tal aberração.

Imagine, querida leitora, se os 18 milhões de camponeses que trabalham terras que não lhes pertencem, ganhassem amanhã essas mesmas terras. Se, unidos, as lavrassem e vendessem por conta própria o produto de seu trabalho. Se, unidos em cooperativas, comprassem as máquinas para trabalhar a terra cientificamente. Se com o produto de seu trabalho e auxiliados por um governo interessado pudessem vestir os filhos, mandá-los educar e tratá-los em hospitais modernos.

Isto é um resumo rápido do que se deve fazer, quando se fala no confisco do latifúndio: tirar de 18 proprietários e repartir com 18 milhões de camponeses esta fértil e esplêndida terra brasileira, que poderia ser repar-tida por mais de 100 milhões de pessoas e ainda sobraria espaço para as escolas, as bibliotecas, os circos, os campos de futebol, as piscinas, os laboratórios e tantas outras maravilhas que fazem da vida um lugar de alegria e não o inferno de milhões para o prazer de meia dúzia.

BIBLIOGRAFIA:

"Somanlú o viajante da estrêla"

Um livro para as crianças



Entre centenas de livros publicados todos os anos, por ocasião das festas do Natal, merece destaque o recente livro de Abguar Bastos, "Somanlú, o viajante da estrêla".

Criando personagens e enredos e também baseando-se, em grande parte, nas lendas amazônicas, o autor vai tecendo uma rede de pequenas histórias poéticas, nas quais, em linguagem simples e acessível aos pequenos leitores, transpõe para o mundo infantil todo o encanto de personagens que povoam de beleza e de mistério as regiões encantadas onde habitam fadas e bruxas, feiticeiras e duendes.

Somanlú, o viajante da estrêla, menino travesso, acredita ser o rei do fundo do rio Japurá; nas noites de luar passeia nas praias.

Como grande viajante, Somanlú tem lindas histórias a contar: aquelas do tempo em que viajava na cabeça do Jacaré Tangamolango, o jacaré da estrêla e aquelas acontecidas no tempo de Jurupari, durante a qual o travesso menino realiza incríveis façanhas, que culminam com a viagem na estrêla de Boiuma, a cobra grande.

A criação do mundo, o aparecimento do homem e da mu-

lher, o amor, a reprodução, os fenômenos da natureza, o sol e a lua, o dia e a noite, a semeadura e a colheita, o bem e o mal, e tantos outros motivos que despertam o interesse e a curiosidade das crianças, são apresentados neste livro, que atrai não somente as crianças mas também os adultos.

O Jacaré Tangamolango; Arapaí, o primeiro homem; Arací, a mãe do dia; Boiuma, a cobra grande; o boto, peixe que namora as moças; Camarão Dourado, o caboclo do fundo do rio, Iara, a dona da água; Mani, a mãe da mandioca, Rudá, o gênio do amor, são os vários personagens desse livro bem brasileiro. Cada personagem possui suas características folclóricas, que o autor, com tanta simplicidade e beleza soube entregar à sensibilidade infantil, despertando-lhe o sonho e esse desejo de conhecer o mundo maravilhoso do "viajante da estrêla".

As ilustrações de Solon Botelho são atraentes e bem legíveis e o vocabulário, no final do livro, dando o significado de cada termo do folclore indígena, tornam o volume fácil e atraente.

N. B.

CLINICA CAMPOS DA PAZ

Direção: DR. A. CAMPOS DA PAZ FILHO

Tratamento do Casal Estéril — Clínica e Cirurgia de Senhoras — Clínica de Prevenção do Câncer Genital Feminino.

DR. AFRANIO DE ALENCAR MATOS

Assistência à Gestante — Partos — Doenças e Operações de Senhoras.

DR. LUIZ DA COSTA LIMA

Doenças e Tumores do Seio — Câncer — Cirurgia.

DR. CARLOS CAMPOS

Radiodiagnóstico Especializado.

Rua São José, 50 — 4.º andar — Diariamente, das 15 às 19 horas CONSULTAS COM HORA MARCADA
TEL. 42-7550.

Sugestões para um jantar íntimo de casamento ou de aniversário

A — SALGADOS E ENTRADAS

- Croquetes de carne e bolinhos de bacalhau
 - Uma boa salada de legumes com molho de maionese e frios sortidos.
 - Um prato de carne ou galinha assada.
- O prato de carne pode ser rosbife ou carne assada, com farofa e acompanhamentos passados na manteiga. Conforme o número de convidados, podem ser servidas uma ou duas galinhas com farofa feita dos miúdos e ovos cozidos.
- Terminado o jantar, entra como sobremesa o bôlo tradicional de noiva, ou bôlo de aniversário, e mais dois pratinhos de docinhos, ou apenas um prato de doces sortidos.

1) CROQUETES DE CARNE —

Tanto pode ser feito de carne fresca, como de sobra como aproveitamento. Tome uma boa quantidade de carne e passe na máquina de moer, com um pouco de pimenta do reino, salsa e uns dentes de alho. Depois de passada a carne, tempere com um pouco de sal. Junte a essa massa uma gema de ovo e farinha de trigo até obter uma certa consistência; depois faça pequenos rolos — croquetes, passe-os em ovo batido, depois na farinha de rosca e leve a fritar em gordura quente.

2) BOLINHOS DE BACALHAU —

Afervente, tanto quanto achar suficiente, umas gramas de bacalhau cru. Depois de tirado o sal, a pele e as espinhas, passe na máquina de moer, e leve ao fogo ligeiramente. Junte ao bacalhau azeite doce, alho, cebola, pimentões e salsa picadinha. Deixe ferver um pouco e deite uma xícara de água. Pingue também um pouco de vinagre. Depois de cozido, retire do fogo e faça uma boa massa com uma gema e farinha de trigo. Frite em gordura quente, na forma de bolinhos pequenos.

3) SALADA — Cozinhe uma boa quantidade de legumes com um pouco de sal. Cenouras descascadas, batatas, chuchus, etc. Cozinhe separado a vagem, depois de limpa, com uma pitadinha de bicarbonato para não perder a cor. As beterrabas deverão ser cozidas com um pouquinho de açúcar. Depois

★ por VIRGÍNIA

de tudo cozido, escorra e esfrie bem. Faça um molho de azeite doce, vinagre, cebola bem picadinha e azeitonas descascadas e uma ou duas colherinhas de mostarda Savora. Misture aos legumes, juntando os frios sortidos bem cortadinhos e leve ao prato de tomates, rabanetes crus, etc. Depois de tudo pronto deite por cima o molho de maionese.

● MOLHO DE MAIONESE — Tome 4 gemas cruas e bata muito bem; depois vá pingando azeite doce e mexendo sempre para formar uma pasta uniforme; junte uma colherinha de caldo de limão, uma pitada de sal, sempre mexendo e pingando o azeite doce. Por último, adicione uma gema cozida e bata mais para evitar grumos, até formar um creme espesso. Deixe gelar um pouco antes de derramar na salada.

4) ROSBIFE —

Tome um filé sem aba de 2 ou 3 quilos, tempere primeiro com sal, alho e um pouco de vinagre; deixe ficar assim por algum tempo. Depois passe sobre a carne um pouco de manteiga, unte uma assadeira com banha e leve ao forno quente; uma vez por outra enfie um garfo na carne para ajudar a amolecer. Retire do forno, corte as fatias finas, arrume umas sobre as outras e, ao lado, coloque um acompanhamento de cenouras e palmito passado na manteiga e um pouco de presunto. Em um prato separado, sirva uma farofa com ovos cozidos, salsinha e azeitonas.

5) CARNE ASSADA —

O melhor pêso neste caso é o lagarto. Tome uns 3 quilos, tempere muito bem com sal, alho socado, pimenta do reino e uma colher de vinagre. Fure a carne com uma faca de ponta, introduzindo pedaços de toucinho de fumeiro e pedaços de cenoura. Deixe ficar por uns tempos no tempêro. Unte uma panela com gordura, junte rodela de cebola e de tomates e misture ao molho em que esteve a carne. Leve ao fogo brando; depois de refogar, vá pingando água para amolecer bem. Quando estiver pronta, vá cortando as fatias, ponha em uma travessa grande com o acompanhamento de cenouras e palmito pas-

sado na manteiga. Faça também uma farofa à parte com manteiga, ovos cozidos e azeitonas.

6) GALINHA ASSADA — A galinha será assada da mesma forma. Depois de limpa, deve ficar no tempêro por algum tempo (alho, sal e vinagre). Depois, leve para refogar com gordura, tomates e cebolas, juntando o resto do tempêro. Uma vez bem refogada, vá juntando um pouco de água até cozinhar. Quando a galinha estiver dourada e mole, deverá ser trinchada. Os miúdos devem ser cozidos à parte, depois bem picadinhos, aproveitando-se também o sangue e a gordura da galinha para fazer a farofa, juntando ovos cozidos e azeitonas.

B — DOCES

Como já foi dito, o tradicional bôlo deve entrar no fim como sobremesa e mais um pratinho de

docinhos sortidos. O bôlo deve ser simples e, sendo de noiva, no mínimo deverá ter 3 camadas com recheio, que pode ser de um creme ou ameixas em calda. Pode ser recoberto de glacê muito alvo com poucos enfeites, terminando por um grupinho de rosinhas de açúcar. Se for de aniversário, não precisa ser muito alto e basta também ser apenas coberto de glacê terminando com as velinhas decorativas. Em uma bandeja serão servidos os pequenos docinhos.



PANFLETO

UMA REVISTA DE COMBATE

Direção de Lourival Coutinho e Edmar Morel
À venda nas bancas

ADVOGADO

DR. LETELBA RODRIGUES DE BRITO

Rua Alvaro Alvim, 24 — Tel.: 52-4295 — D. F.

GRUPO TEATRAL DA JUVENTUDE

(folclore brasileiro)

Venha dançar e cantar Baião, Côco, Maracatu, danças brasileiras. Conservemos o que é nosso!

RUA DA CARIOCA, 30 (das 18 às 21 hs.)



Breves notícias da Federação Democrática Internacional de Mulheres

● **SOLICARIEDADE À DALILA SOLER DE QUEVEDO** — Por haver participado do Congresso Mundial de Mulheres, realizado em Copenhague, a senhora Dalila Soler de Quevedo está impedida de voltar ao seu país — o Paraguai, por ordem da Embaixada dos Estados Unidos, segundo informam altas autoridades paraguaias. O fato provocou profunda indignação no Paraguai e nos demais países da América Latina. Numerosas personalidades e organizações democráticas protestaram junto à Embaixada do Paraguai de seus respectivos países contra esse atentado à liberdade.

A F.D.I.M., (Federação Democrática Internacional de Mulheres), em nome de 140 milhões de mulheres de 66 países, dirigiu ao Sr. Federico Chaves, Presidente do Paraguai, uma carta e um telegrama de protesto, exigindo que a senhora Dalila Soler de Quevedo possa regressar ao seu país com todas as garantias à sua liberdade.

★

● **GRAVE ENFERMA NUMA PRISÃO DA GRÉCIA** — A SRA. ELLI IOANNIDU — A F.D.I.M. recebeu da União Democrática de Mulheres da Grécia uma carta relatando o que se passa com a Sra. Elli Ioannidu, esposa do herói nacional Nicos Beloiannis, assassinado na prisão. Agora gravemente enferma no cárcere onde se encontra, a Sra. Elli necessita ser transferida urgentemente para um hospital, antes que seja tarde. Como se sabe, a companheira de Beloiannis teve um filho na prisão onde o mesmo ainda permanece. A carta pede a solidariedade da F.D.I.M. bem como de todas as mulheres para Elli Ioannidu que precisa ser convenientemente tratada.

A F.D.I.M. dirigiu ao Ministro do Interior do governo de Atenas um telegrama pedindo seja assegurado a Elli Ioannidu o necessário tratamento médico.

★

● **AUMENTA O TERROR NA ESPANHA FRANQUISTA** — A F.D.I.M. recebeu uma carta subscrita por 32 patriotas espanhóis, presos por lutarem pela paz. A carta relata as torturas inqualificáveis a que foram submetidos os presos e suas famílias, entre as quais crianças e jovens. Diz a carta que será pedida a pena de morte para Telesforo Torres e Luis Arribas, apenas por desejarem a paz e a democracia.

A F.D.I.M. faz um apelo a todas as mulheres e organizações femininas no sentido de expressarem sua solidariedade com o povo espanhol e de protestar com energia contra os monstruosos crimes cometidos nas prisões franquistas.

Diz o apelo da F.D.I.M.: "Peçamos à Organização das Nações Unidas que intervenha para pôr fim aos crimes que se cometem na Espanha fascista. Ajudemos as mulheres espanholas, o povo espanhol, a deter a mão do verdugo. Nosso poderoso protesto pode salvar a vida de dois patriotas e reintegrar em seus lares os milhares de presos políticos que sofrem nos calabouços franquistas."

GUATEMALA: pequena e brava, falou pela América

Texto de ZENAIDE MORAIS

CONTAM os que sobrevoam o mar das Antilhas: de repente, quando o avião começa a baixar, surge da terra uma massa que lança para o céu baforadas a intervalos regulares. Quando a terra fica mais próxima, aparece apertada entre o mar das Antilhas e o Pacífico. Uma nesga branca entre duas imensidões azuis. É a Guatemala de vulcões pachorrentos, que lançam baforadas para o céu, e de lagos profundos, que tomaram emprestado o azul do mar.

A Nova Guatemala, cidade de primavera eterna, mostra ao visitante edifícios modernos e elevado espírito de progresso. A antiga capital guarda os monumentos da velha arte espanhola, herança dos colonizadores.

Dêsse pequeno país da América Central pouco se ouvia falar. De repente, apareceu nas manchetes e no noticiário das agências internacionais. Os E.E.U.U., que concederam a si mesmos o título de "defensores" da América, iniciaram a pregação de uma cruzada contra esse povo. Acusavam-no de ameaçar a segurança dos Estados americanos. E, o que é mais curioso, a própria segurança do país governado por Eisenhower.

Que teria acontecido para que da manhã à noite a pequenina Guatemala se tornasse assim tão perigosa?

Essa história nunca é demais contar. A propaganda ianque é poderosa e a verdade precisa abrir caminho à força de ser repetida, para chegar a todos. É a história de um traste, de um lado; de um povo que diz BASTA! de outro.

DITADURA E UNITED FRUIT

TRÊS milhões de habitantes — população igual à do Rio de Janeiro — dos quais 70% de indígenas, descendentes dos lendários maias. Setenta por cento de analfabe-

tos, coisa comum na América. País tropical, produtor de gêneros alimentícios, especialmente café e bananas. Com escassas vias de comunicações — apenas três portos: dois no Pacífico, a oeste (Champerico e São José), um no Atlântico (Puerto Barrios). Uma só via férrea, ligando esses portos. Uma minoria de donos de grandes extensões de terra e uma imensa maioria camponesa, dona somente — e mal — do próprio corpo. Eis, em linhas gerais, a Guatemala.

Setenta anos de ditadura e um traste, a quem esta servia, fizeram dela um país miserável. O traste, — a United Fruit Co. — é dono de um dos portos (Puerto Barrios) e controla totalmente os outros dois. Possui o monopólio da exportação de bananas e a única estrada de ferro do país está em suas mãos. Além disso, imensas extensões de terra são feudo seu. Seus privilégios sob os ditadores podem ser resumidos num pequeno exemplo: o último deles, Ubino, em abril de 1944, baixou um decreto concedendo aos cidadãos norte-americanos o direito de agirem no país como donos da casa, sem estarem sujeitos a nenhuma das leis que regiam o povo da Guatemala.

Mas a este povo, a quem faltava o pão, não faltou a coragem. E poucos meses depois desse último insulto o ditador foi varrido e o primeiro governo democrático se instalou no país.

Uma nova era surgia para a Guatemala. Dom José Arevalo, líder da rebelião, foi o presidente escolhido, nas primeiras eleições livres ali realizadas.

SOB O SIGNO DO "QUETZAL"

O "QUETZAL", lindo pássaro tropical verde-esmeralda, de peito cor de púrpura, é o símbolo nacional da Guatemala. Figura na bandeira do país e está ligado às tradições de liberdade que as ditaduras não conseguiram apagar no coração do povo. Sua

história é simples e heroica. Acompanhava nas batalhas o chefe indígena Tam Humoc, que tentava impedir a invasão espanhola, chefiada por Alvarado. Ao cair o herói indígena, ferido no peito, o "quetzal" tombou ao seu lado. Conta a lenda que a partir daí surgiu no peito dos "quetzals" a mancha rubra. Esse pássaro, dizem os guatemaltecos, é o símbolo da liberdade porque não pode viver em cativeiro: perece se é aprisionado. Em sua homenagem a moeda guatemalteca é também chamada "quetzal".

Foi sob o signo desse anseio de liberdade que a jovem democracia guatemalteca principiou a desenvolver-se. Importantes medidas econômicas e sociais foram tomadas pelo novo governo em benefício do povo. Obedecendo a um preceito constitucional, que autoriza os guatemaltecos a se rebelarem se não for observado o princípio da mudança de presidentes, o Sr. Jacob Arbenz foi eleito para substituir Arevalo.

DAVID E GOLIAS

EM 1952, no governo Arbenz, foi promulgada a lei da REFORMA AGRÁRIA. Retirou dos latifundiários as terras não cultivadas, mediante uma indenização, calculada à base do valor que eles declaravam ao pagar impostos. As terras foram entregues aos camponeses que nelas trabalhavam, junto com créditos e sementes.

Pois foi esta lei — simples, justa e cautelosa — que levou a Guatemala ao banco dos réus da inquisição makartista, na Conferência de Caracas. Não foram os povos da América que ali estiveram para julgá-la, eles que também anseiam por reforma agrária, democracia e liberdade. Mas representantes de governos como o da Venezuela, cujo povo escolheu Rómulo Gallegos e pela "proteção" dos E.E.U.U. geme sob a ditadura de Jimenez. E represen-

tantes de outros ditadores como Somoza, da Nicarágua, Trujillo, de São Domingos, Odría, do Peru. Falando em liberdade, os carrascos escondiam nas costas o chicote.

— Mas por que, somente por culpa de uma lei, a pequenina Guatemala se tornou assim tão perigosa, ameaçando os alicerces do "colosso do norte"?

— Porque afetou os interesses do traste norte-americano — United Fruit Co. A reforma agrária atingiu suas terras. Seus privilégios passaram a ser ameaçados pois o governo Arbenz acaba de construir uma rodovia ligando os portos dos dois mares. E porque, apoiado em seu governo, o povo guatemalteco está disposto a expulsar do país o traste.

Ai está a razão porque em Caracas, Torriello, o chanceler guatemalteco, enfrentou a fúria de Foster Dulles. Pouca importa que uma resolução contra a democracia na Guatemala tenha sido aprovada. Mais uma vez David venceu Golias, como na lenda bíblica.

DOZE DE DULLES — UMA DE TORRIELLO

AVITÓRIA moral de Torriello não pôde ser escondida. O chanceler que ali representou sozinho um pequeno país não refletiu somente o patriotismo de um povo, que responde altaneiro às ameaças de intervenção. Torriello falou pela América. Esta ali não tinha outro representante e outra voz senão a sua.

Um episódio contado pela revista norte-americana "Visão" é um teste irresponsível dessa vitória. Um menino venezuelano foi pedir um autógrafo ao orgulhoso sr. Foster Dulles. E depois outro, e outro mais. O pedido se elevou a doze. E quando, sobrececho franzido, o Secretário de Estado quis saber para que tantas assinaturas, o menino respondeu:

— É para trocar por uma do sr. Torriello...



AL - FA - BE - TI - ZA - ÇÃO

Professôra :
Lydia SENNA CAMPOS

Apresentamos um dos métodos de alfabetização de adultos, pôsto em prática com ótimos resultados pela professora do Curso Supletivo da Prefeitura do Distrito Federal, Lydia Senna Campos, que o criou após longos anos de experiência. Com êsse método consegue alfabetizar em períodos de 3, 2, 1 mês e até mesmo em sete aulas.

Considerando que o adulto

tem mais capacidade de atenção que a criança, que está mais interessado em aprender e tem mais experiência, atendendo também a que as cartilhas usuais têm um vocabulário muito infantil, que não corresponde à motivação do adulto, teve a criadora do método a preocupação de grupar o estudo das sílabas de forma a que o ensino fôsse mais rápido, atendidas às necessida-

des de repetição e assimilação dentro de um tempo mínimo. Dá-se a conhecer as sílabas e quando o aluno já as domina bem, passa-se à formação de palavras que os próprios alunos vão descobrindo e sugerindo, não havendo porisso um texto de palavras obrigatório.

A eficiência do ensino depende da agilidade e vida que se dê à aula. O método em questão, que se compõe de

14 aulas, logrará êxito se aplicado por pessoa que saiba manter o interesse da turma ou do grupo, dando ao aluno uma participação ativa e fazendo que êle passe da sílaba à palavra e sinta que esta não é mais que a reunião daqueles elementos.

Publicaremos neste número quatro aulas da CARTILHA da professora Lydia. No próximo número, daremos a continuação.

1.^a LIÇÃO

PRIMEIRA PARTE

a ê i ô u

a é i ó u

h

ha hê hi hô hu

ha hê hi hô hu

ai Hou eu iu hei

SEGUNDA PARTE

v — va vê vi vô vu
f — fa fê fi fô fu
p — pa pê pi pô pu
l — la lê li lô lu
b — ba bê bi bô bu
m — ma mê mi mô mu
t — ta tê ti tô tu
n — na nê ni nô nu
d — da dê di dô du

TERCEIRA PARTE

vi-da a-vó lei-to fa-ma teu pó-te le-ve
boi-na vai nó ma-la to-do nó-va vovô
pi-a da-ta fu-bá hou-ve lu-a mó pauta
ta-tú vovó avô ipê dói.

Observação — Na terceira parte as palavras serão formadas, aplicando-se aquelas sílabas. Poderão surgir assim muitas outras, devendo os próprios alunos pesquisar as sílabas para com elas formarem palavras que conheçam.

Ensina-se, alternadamente, as letras manuscritas.

2.^a LIÇÃO

(j g)

ja jê ji jô ju

gê gi

Jo-ta gê-lo ju-ba ji-ló jau-la

fu-jo gei-to lô-ja gê-ma nô-jo

3.^a LIÇÃO

ga guê gui gô gu

ga-to la-gô-a gu-la gui-a

go-le pa-gue vo-ga gu-me

gai-vo-ta gui-na-da ga-gue-ja-va

ge-mi-do bei-jo ga-ve-ta

a-go-ni-a jo-guê-te ju-go

4.^a LIÇÃO

ra re ri ro ru (forte)

rra rre rri rro rru

ra re ri ro ru (fraco)

(O professor explicará a razão do som forte e fraco)

ja-rro rê-mo na-rra mou-ro

mu-rro du-ro rai-va ru-mo

pa-re-de a-rrimo a-ra-do

a-rré-de a-ru-ei-ra ma-ri-do

a-rro-ja-do ra-pa-du-ra ro-ti-nei-ro

MÉDICO

DR. MILTON LOBATO

TISIOLOGISTA

Rua Álvaro Alvim, 31 — 5.º andar — Tel. 22-6939 — D.F.

MÉDICO

DR. ALCEDO COUTINHO

CLÍNICA GERAL — CIRURGIA

Rua Álvaro Alvim, 31 — 3.º andar — Tel. 52-3315 — D.F.



CONGELAMENTO DOS PREÇOS

AS MULHERES SE REUNEM E EXIGEM DO GOVERNO O CONGELAMENTO DOS GÊNEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE. UM DISCURSO ESCRITO COM UMA SEMANA DE ANTECEDÊNCIA FICOU VELHO. DEZENAS DE ORGANIZAÇÕES REPRESENTADAS. "TEMOS UM GOVERNO DESMORALIZADO!"

UMA comissão de senhoras, através do rádio, imprensa e vo-lantes, convidava tôdas nós a participar de uma Assembléia contra a carestia.

Donas de casa, comerciárias, operárias, advogadas, médicas, gente famosa e gente conhecida só em casa, lotavam a sala da A. B. I.

Constituiu-se a mesa, com cerca de 30 senhoras. Elas representavam a Associação das Donas de Casa, Federação de Mulheres do Brasil, Casa de Caridade Leilá, Associação de Radio-ginastas do Rio e Niterói, Igreja Batista, Liga da Boa Vontade, Associação Feminina do Distrito Federal, União Feminina de Cascadura, Catete, Glória, Copacabana, Urca, Botafogo, Associação das Donas de Casa da Penha, Caxias, Laranjeiras, Leopoldina, etc.

Dna. Elvira Lacerda, da Associação das Donas de Casa de Sta. Tereza, presidiu a reunião e expôs os motivos da mesma:

— A situação é intolerável. Não sabemos mais como fazer para esticar o dinheiro. Se não tomarmos uma providência, em breve não poderemos mais comer. As mulheres precisam unir-se, e lutar pelo congelamento imediato dos preços de primeira necessidade. Nem mais um tostão de aumento!

Dna. Iaiá Silveira considera que o governo que tanto prometeu nas vésperas das eleições, está fazendo tudo ao contrário.

— Onde estão os caminhões-feira? O prefeito diz que enfeiam a cidade! E os buracos? a sujeira? a falta d'água? Isso, que eu saiba, não embeleza muito. Vamos exigir através de um abaixo-assinado a volta dos caminhões-feira! A COFAP deve manter os preços, mas o que faz é aumentá-los. Por que? Façamos uma mesa redonda com o Presidente da COFAP e ele que nos preste contas!

A Dra. Yeda Menezes, da Associação Feminina do Distrito Federal, havia preparado seu discurso com uma semana de antecedência. E começou a lê-lo. Teceu considerações sobre as razões do atual custo da vida. O aumento de salários não deve ser acompanhado do aumento de preços!

— Os aumentos de salários foram pouquíssimos em relação ao aumento dos gêneros. Enquanto isso, vemos que os lucros das grandes empresas aumentam cada vez mais. E isso se refere principalmente às empresas americanas. Carregam para o exterior todo o lucro, como por exemplo a Standard Oil. A política do governo, protegendo a ganância do capital estrangeiro, tudo faz em seu favor. Obedece suas ordens. Enquanto exportamos com o dólar a 18,00, importamos com o dólar a 120,00. E ainda por cima, o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos nos obriga a só negociar com os Estados Unidos! Estamos prejudicando nossa economia, porque não temos relações com os demais países do mundo que poderiam nos oferecer vantagens muito maiores.

Depois a Dra. Yeda trata dos aumentos.

— A banha passou de 18 para 28,00!

— Agora já é 30,00 — grita da plateia uma das presentes...

— A carne está a 24,00.

— Vinte e seis cruzeiros, diz outra senhora.

— O arroz que comprávamos a 8,00 está agora a 12,00.

— Não, já está a 15,00!

A Dra. Yeda se desculpa. Escreveu o discurso com uma semana de antecedência! Durante essa semana, não teve de conferir. Os preços sobem vertiginosamente, de um dia para o outro!

A Dra. Yeda conclui propondo que as mulheres façam uma passeata exigindo do governo o imediato congelamento de preços. Propõe ainda que na luta contra a carestia, tôdas nós participemos da Convenção pela Emancipação Nacional a se realizar no mês de abril.

A Assembléia ganha um novo colorido, agita-se, quando Dna. Laurinda de Carvalho, enfermeira do SAMDU, emocionada, declara:

— Em meu emprêgo vejo crianças morrendo de inanição. No Brasil há fome! Enquanto isso seguimos uma política que não protege nossas riquezas! Nosso governo está tão desmoralizado que quando declara que o café foi queimado pela gead, os americanos não acreditam e mandam donas de casa para ver se é verdade! Isso não é digno de um país independente! Devemos protestar!

Dna. Aida Posiulo não concorda, acha que a culpa não é dos americanos!

— Não se trata do povo americano! diz uma das presentes. Nada temos contra as donas de casa da América! Protestamos contra os monopólios americanos que estão nos roubando!

Um representante da Liga dos Camponeses de Nova Iguaçu, faz a sua declaração: — Oferecemo-nos para fornecer legumes e frutas diretamente das cooperativas agrícolas, mas arquivaram o nosso requerimento.

Dna. Luiza Gomes, acha que a carestia se deve à falta de educação de nossa gente que não sabe gastar o seu dinheiro.

E finalmente, apesar das teses apresentadas versarem sobre os mais variados temas, a Assembléia aprova por unanimidade, mostrando que as mulheres sabem o que é necessário, as seguintes resoluções:

Passeata monstro, partindo da Câmara Municipal até a Prefeitura.

Abaixo-assinados pela instituição de caminhões-feira em todos os bairros.

Apoio e participação na Convenção pela Emancipação Nacional.

Mesa redonda com o presidente da COFAP, Presidente da Câmara, Presidente da Bolsa de Cereais e tôdas as organizações que queiram participar.

Programas de rádio, propaganda e divulgação de conselhos sobre alimentação e saúde.

Constituiu-se então a comissão central para a Luta Contra a Carestia. Dessa comissão fazem parte, entre outras, Dna. Elvira Lacerda, Dra. Yeda Menezes, Representante da Federação de Mulheres do Brasil, Dna. Aida Posiulo, Dna. Laurinda Carvalho, Dr. Carrazedo, Dna. Luzia Gomes.

As mulheres estão mesmo decididas a exigir e conseguir o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade!

ROSA MARIA E O PASSARINHO

CONTO DE
ZORA SELJAN BRAGA

ROSA MARIA da franja brilhante é uma menina gorducha que vive no alto de uma montanha, entre rosas e margaridas.

A menina da franja brilhante acorda cedinho e esquentava a barriguinha com pão, manteiga, café com leite — uma taça cheia até em cima, que toma de boa vontade, sem aborrecer a mãe, como fazem tantas meninas malcriadas.

Naquela manhã, Rosa Maria bebeu seu café e saiu correndo pelo jardim. Parou diante de um lírio vermelho, para não espantar um passarinho, tão embevecida que se esqueceu de uma severa recomendação da mamãe e... devagarinho, devagarinho... enfiou o dedo mindinho no nariz...

— Bem-te-vi! — gritou o passarinho.

A menina assustou-se e zangou:

— Seu "candogueiro!" — Você me paga!

O passarinho pulou para outro galho e foi pulando, pulando, até sumir-se na neblina, sempre gritando com sua voz fina de passarinho:

— Bem-te-vi!

Então a menina percebeu que todas as coisas estavam cobertas por um véu branco e não se enxergava o varal, não se enxergava a casa de janelas verdes, não se enxergava a bananeira.

Ninguém poderia ver as montanhas maiores, lá longe, o povoado do vale, a estrada ou a pedreira. Rosa Maria foi andando e, a cada passo, a névoa cerrava-lhe o caminho e abria-lhe apenas uma clareira. Rosa Maria continuou andando, andando, até à sebe das acácias, onde deitou-se para contemplar através de um rombo, os patinhos nadando e o cão Duque a esfregar o focinho, grande como um tigre, rajado como o bambu.

Encostou sua cabecinha na grama e ficou olhando, mas, nisto, ouviu alguém chamar seu nome:

— Rosa Maria! Olha aqui!

— Aqui, onde?

— Aqui, na folha de inhame — insistiu a voz.

E no dorso largo do inhame viçoso daquele estanque, um sapo tanoeiro ria para ela, escancarando a boca enorme.

— Uai! Sapo fala?

— Pois é, disse o sapo, falo muito bem até. Chamei você porque é uma menina muito boazinha que não faz manha para comer e por isto vou dar um presente muito bonitinho para você. Feche os olhos.

Quando a menina da franja brilhante abriu os olhos, qual não foi sua surpresa sentindo nas costas um par

de asas que obedeciam aos seus desejos como se fossem seus próprios braços!

— Virei passarinho! — gritou alegremente — Vou dar uma voada.

— Glu, glu, glu, respondeu o sapo. Volte antes de o sol esquentar, se não a asa vai se derreter toda.

— Até logo, tanoeiro, despediu-se a menina — Lá vou eu, gente!

E subiu tão depressa que esbarrou nos galhos dos eucaliptos assustando um grilo que cantarolou:

Já vi sapo falar,

já vi!

Já vi cachorro dançar,

já vi!

Mas menina voar eu nunca vi!

Voaram para os lados da pedreira. As névoas cobriam o vale mas os escarpados picos se mostravam como se fossem ilhas de granito, espalhadas num mar de espumas. Lá em cima, Rosa Maria viu outras montanhas e outros vales e outras névoas e depois o oceano. Foram planando, planando e o céu era todo cor de rosa porque a aurora começava a raiar. Chegaram a um cume muito alto que era igual a uma mesa e, sobre ele, estava estendida uma toalha, muito clara. Rosa Maria viu ali uma porção de bolos de todas as cores e todas as formas e, no meio, uma cascata de uvas brancas e rubras. Viu milhões de cestas cheinhas de todas as frutas



O passarinho indiscreto acrescentou:

— Eu-bem-te-vi! Eu-bem-te-vi!

— Agora eu pego você — gritou-lhe a menina.

— Dito e feito. O passarinho esperneou em suas mãos.

— Me solta, me solta! — gemeu o coitadinho.

— Que foi mesmo que você viu? — perguntou-lhe a menina.

— Eu vi, eu vi — gaguejou o passarinho — eu vi uma mesa cheia de doces.

— Onde, onde? — indagou Rosa Maria, alvoroçada.

— Lá no alto do morro mais alto, eu vi uma mesa cheinha de doces.

— Então vamos lá, disse a menina soltando o Bem-te-vi.

do mundo, de jaboticabas, de morangos, de ameixas, de cerejas, de framboesas, de amoras, de pêssegos e garrafas de todos os refrescos. Havia um bolo maior, com muitas velas que pareciam estrelas, cada qual de uma cor mais bonita.

— De quem é o aniversário? — perguntou Rosa Maria.

— E' do Arco-Iris, responderam mil passarinhos ali pousados.

— Arco-Iris então é gente? — insistiu a menina.

— Não, explicou o Bem-te-vi, contrariado. — Você parece que nem vai à escola! Não sabe que o Arco-Iris é uma cobra.

— Cobra! Que horror! Vou-me embora, passarinhos.

— Sossega, disseram os

passarinhos. Ele é uma cobra boazinha que não faz mal a ninguém. Além do mais é invisível. Só aparece nos dias de sol e chuva — casamento da viúva!

A menina ficou radiante com a informação e comeu um pedacinho de cada bolo, mas comeu tanto, tanto, que se esqueceu da recomendação do sapo e deixou o sol esquentar. Quando quis voltar, percebeu que suas asas haviam-se derretido.

— E agora, choramingou, como poderei chegar em casa?

Os passarinhos nada responderam porque a menina era pesadinha e eles não aguentariam levá-la de volta.

Então Rosa Maria abriu a boca e chorou, chorou, chorou tanto que suas lágrimas caíram pelo morro abaixo, formando uma chuva fininha. De repente, por causa do sol e desta chuva, o Arco-Iris apareceu, refulgindo suas cores.

— Não chore menininha da franja brilhante, não chore que eu levo você até à sua casa. Monte nas minhas costas, mas tome cuidado para não atravessar do outro lado, se não você vira menino.

Rosa Maria se agarrou nas crinas do Arco-Iris que foi se esticando, esticando e varou o céu de um lado a outro, depositando a menina perto da sebe das acácias.

Mas Rosa Maria foi desastrada e, para descer, deu um pulo e sua saia virou calcinha e sua franja sumiu.

— Ai, que mamãe vai ralhar comigo porque virei menino! Quem brincará agora com minhas bonecas? Quem vestirá meus vestidinhos?

Como menino não chora, porque chorar é próprio das meninas, teve uma idéia salvadora.

— Volte, Arco-Iris, gritou para a cobra cintilante que ia de novo se encolhendo, venha buscar o seu presente de aniversário.

— Presente para mim? Que bom! — disse o Arco-Iris com sua voz luminosa, e, de tão contente, tremeu como se fosse um rio de luz batido pelo vento, deu três rabanadas no céu e o efeito foi mais lindo que o dos foguetes.

Rosa Maria esperou que a cabeça chegasse pertinho, e, mais que depressa, pulou para o outro lado, virando de novo menina. Deu um beijinho carinhoso na testa do Arco-Iris e ofereceu-lhe uma margarida das grandes, onde ela havia espetado duas sementes negras para

(Conclui na página seguinte)

PARA AS CRIANÇAS

MEUS amiguinhos: Continuamos hoje, nossos jogos de letras, números e perguntas. A cabecinha vai trabalhar muito porque ela não quer ser chamada de cabide. Cabide é a cabecinha que só serve para receber chapéu. A de vocês, não; será uma cabecinha pensante, capaz de resolver os problemas da Tia Rosa.

O Pica-pau anda impaciente. Quer saber como andam vocês nas respostas. Está doidinho para organizar uma festa porque quer ser apresentado à criança. Ele é muito alegre e gosta como que

de crianças. Gosta também de cantar e quer que eu realize um concurso de quadrinhas. "As quadrinhas, diz ele, serão em minha homenagem, terão que falar no Pica-pau". É a única exigência.

Pica-pau você é prosa
E também inteligente
Qualquer dia a tia Rosa
Pensa que você é gente.

— Esta serve? Pica-pau
saiu se rebolando...

Mandem as suas
quadrinhas dedicadas ao
Pica-pau. Ganharão um
livro os autores dos melhores trabalhos.

MAS vamos às nossas perguntas de hoje! Há na nossa língua coisas curiosas: palavras iguais com significação diferente. São as palavras homônimas. Exemplificando: **manga** — parte de peça do vestuário e **manga**, fruta. Há também palavras que diferem apenas na terminação **o**, ou **a**, estando pois no masculino ou feminino e têm significado diferente. Exemplo: — **cigarro**, fumo e **cigarra**, inseto. São as parônimas. Pois bem. Vamos dar o significado de palavras desse tipo, no masculino e no feminino, para vocês descobrirem quais são elas.

P A R T E I

- 1 — Ele, tem badalo.
Ela, dá a sorte.
- 2 — Ele, é acontecimento.
Ela, é lar.
- 3 — Ele, é história.
Ela, é operação de matemática.
- 4 — Ele, é doce.
Ela, é brinquedo.

Rosa Maria e o Passarinho

(Conclusão da página anterior)

fazer os olhos e uma pedra vermelha para a boca.

— Adeus, menina da franja brilhante!

— Adeus, Arco-Iris!

Como se fôsse u'a mola, o Arco-Iris encolheu-se, voltando. Rosa Maria, deitada na grama acompanhava a viagem de volta tão entretida que não percebeu sua mãe chegar e assustou-se quando ouviu ela dizer:

— Achei a menina que estava perdida, dormindo na grama.

As névoas haviam-se dissipado e o sol cobria os vales e as montanhas.

- 5 — Ele, é tristeza.
Ela, é combate.

A Borboleta amarela

Era uma vez Borboleta amarela.
Era linda e curiosa,
saiu pelo mundo a voar voar
e, muito ambiciosa,
o avião invejou.
Veio a Fada e em avião
a transformou.
Cedo, porém, ei-la a chorar,
pois feito avião não podia mais voar
de flor em flor
e, nas corolas macias, seus beijos depositar.

A Fada sorriu
e tornou a transformar
a borboleta-avião
em borboleta sômente.
Borboleta amarela está contente
pois compreendeu afinal
que por êsse velho mundo
cada qual tem seu valor:
o poeta, o camponês,
o artista, o operário,
as rosas e o rouxinol,
as rãzinhas e as romãs,
a borboleta amarela
o aviador e seu avião...
O valor está na fé,
na justiça e no amor,
na força de decisão
que cada um sabe pôr
no seu ato de viver.

P A R T E II

QUAL SERÁ O SEU NOME?

Eu sou um pássaro de 7 letras. As de n.º 1, 2, 3 e 4 — o que faz quem corta em pedacinhos.

Juntando as de n.º 1, 2, 5 e 6 — dá um brinquedo de papel.

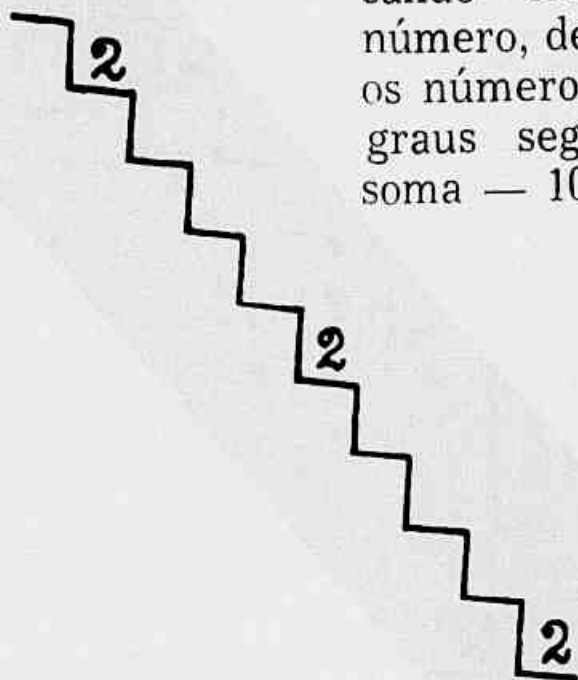
Quem sou eu?

As de n.º 5, 6 e 7 — o mesmo que madeira.

1 2 3 4 5 6 7

P A R T E III ESCADINHA MÁGICA

Complete esta escada, colocando em cada degrau um número, de forma que, somando os números colocados em 4 degraus seguidos dê sempre a soma — 10.



MEUS sobrinhos, aí estão vocês com bastante material para trabalhar. Não tenham preguiça: e escrevam para Tia Rosa — "Momento Feminino" — Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 808 — Rio de Janeiro, pois desejamos saber o que pensam dos nossos concursos. Aqui estamos para conversar com vocês.

O PICA-PAU e a TIA ROSA

Poema de Geni Marcondes
Ilustração de Maria Teresa



O café e o colono muito
contribuíram para tor-
nar São Paulo o mais
importante Estado do
Brasil e o maior centro
industrial da América
do Sul. A fotografia
fixou o sorriso da jovem
brasileira, filha de imi-
grantes, lidando com os
grãos escuros que valem
ouro...



São Paulo - TRABALHO E PROGRESSO DE MÃOS DADAS